

CADERNOS CRIS-FIOCRUZ

PANORAMA DA RESPOSTA GLOBAL À COVID -19



INFORME PRODUZIDO PELO CRIS-FIOCRUZ, SOBRE A SEMANA DE 10 A 17 DE JUNHO DE 2020



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Presidência
Centro de Relações Internacionais em Saúde - CRIS



SUMÁRIO

- 03. Apresentação – *Paulo M. Buss e Luiz Eduardo Fonseca*
- 04. Resposta da OMS - OPS e EUA à COVID-19 - *Luiz Augusto Galvão*
- 11. Resposta da OEA à COVID-19 – *Luana Bermudez*
- 21. Resposta do Banco Mundial à COVID-19 - *Isis Pillar Cazumbá e Miryam Minayo*
- 23. Resposta do BID à COVID-19 - *Isis Pillar Cazumbá e Miryam Minayo*
- 27. Resposta do G20 e da OCDE à COVID-19 - *Luiz Eduardo Fonseca*
- 34. Resposta dos BRICS à COVID-19 - *Claudia Hoirisch*
- 35. Resposta da América Latina e Caribe à COVID-19 - *Sebastián Tobar e Carlos Linger*
- 42. Resposta da Região Africana à COVID-19 - *Augusto Paulo Silva e Felix Rosenberg*
- 46. Resposta da Europa à COVID-19 - *Ana Helena Freire, Letícia Castro e Ilka Vilardo*
- 49. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à COVID-19 - *Lúcia Marques*
- 57. Resposta da China à COVID-19 - *André Lobato*

RESPOSTA GLOBAL À COVID-19

uma visão do ponto de vista socioeconômico, diplomático e sanitário

(Sumário produzido pelo CRIS-Fiocruz na semana de 4 a 9 de junho de 2020)

Apresentação

Fruto do esforço coletivo dos colegas do CRIS-Fiocruz, a nona edição da coletânea de relatos do cenário global da resposta à COVID-19 destaca mais uma vez o epicentro da epidemia na região das Américas, com o Brasil sendo o mais afetado na América Latina, ainda com a curva de contágio muito íngreme em meio as iniciativas de retorno gradual das atividades econômicas. Foi também a semana que a OMS anunciou uma pesquisa clínica britânica que corrobora o sucesso do uso da dexametasona nos casos graves da COVID19. Enquanto isso, o mundo continua a esperar uma vacina e de novos medicamentos que se encontram na linha da pesquisa, em diversos esforços de consórcios multinacionais.

No período também tivemos a primeira reunião da Rede Latino Americana de Institutos Nacionais de Saúde no âmbito da IANPHI, cuja secretaria executiva está a cargo do CRIS-Fiocruz. É notório lembrar que nesta semana o IANPHI aderiu, em nome de suas afiliadas de 99 países, o manifesto do Movimento pela Equidade na Saúde, capitaneado pelo CRIS junto com a ALASAGS, Aliança Latino Americana de Saúde Global, que deverá realizar uma primeira reunião do grupo no início de julho, que deverá contar com a participação de diversas personalidades internacionais. Foi também anunciado a realização de um seminário muito próximo que deverá discutir o mundo pós-pandemia.

Nesse sentido, vale ressaltar que a situação pós-pandemia tem sido preocupação e definidora de diversas reuniões virtuais das diferentes organizações internacionais multilaterais, como o G20, a OCDE, o Banco Mundial, agências da ONU, a própria OMS, assim como de instituições acadêmicas, como a Chatham House, O'Neil Institute, Graduate Institute of International and Development Studies in Geneva e a Global Solutions Summit.

A semana ainda foi marcada por indefinições no processo ao enfrentamento à pandemia no Brasil, com continuo aumento de profissionais militares nos quadros do Ministério da Saúde, enquanto em várias capitais, pressionadas, deu-se início a abertura gradual das atividades.

Resposta da OMS-OPS e EUA à COVID-19

Luiz Augusto Galvão

A Organização Mundial da Saúde (OMS) congratulou os resultados iniciais dos ensaios clínicos que demonstram que a dexametasona, um corticosteroide, pode salvar vidas em pacientes gravemente doentes com COVID-19. Ela reduz a mortalidade em cerca de um terço de pacientes em ventilação mecânica e em cerca de um quinto em pacientes em tratamento com suprimento de oxigênio sem ventilação mecânica. Como outros protocolos esse benefício se aplica apenas em pacientes gravemente doentes com COVID-19 e não foi observado em pacientes com doença mais leve.

A dexametasona é um esteroide usado desde a década de 1960 para reduzir a inflamação em uma variedade de condições, está na Lista de Medicamentos Essenciais da OMS desde 1977 e atualmente está fora da patente e, portanto, disponível de na maioria dos países.

Esse resultado está associado com a reunião “Blueprint” de Pesquisa e Desenvolvimento da OMS, realizada em Genebra em meados de fevereiro para acelerar as tecnologias de saúde para o COVID-19. Os resultados reforçam a importância de grandes ensaios clínicos randomizados que produzem evidências rapidamente que podem ser aplicadas de imediato. A OMS disse que continuará trabalhando em conjunto com todos os parceiros para desenvolver ainda mais terapêuticas e vacinas que salvam vidas para combater o COVID-19, inclusive sob a égide da iniciativa “Access to COVID-19 Tools” ACT-Accelerator.

O diretor-geral da OMS, Dr. Tedros, enfatizou que "Apesar da resposta global contínua à pandemia COVID-19, não podemos perder de vista outros problemas significativos de saúde pública, incluindo a gripe". A OMS insta os países a lidar com o declínio acentuado da vigilância e dos testes da gripe durante a pandemia COVID-19, especialmente quando o hemisfério sul entra na temporada de gripe.

O Diretor também expressou sua preocupação com a aceleração da pandemia em países de baixa e média renda e o impacto dela nas pessoas que já lutam para acessar serviços de saúde – muitas vezes mulheres, crianças e adolescentes. A OMS desenvolveu orientações sobre a manutenção de serviços essenciais. A situação geral pode ser apreciada no mapa abaixo.

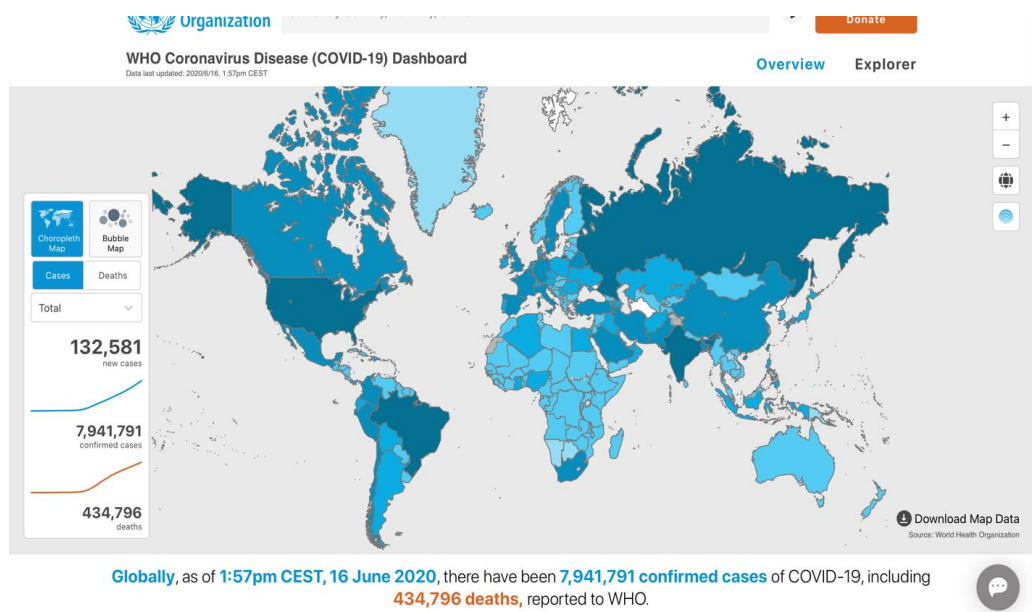
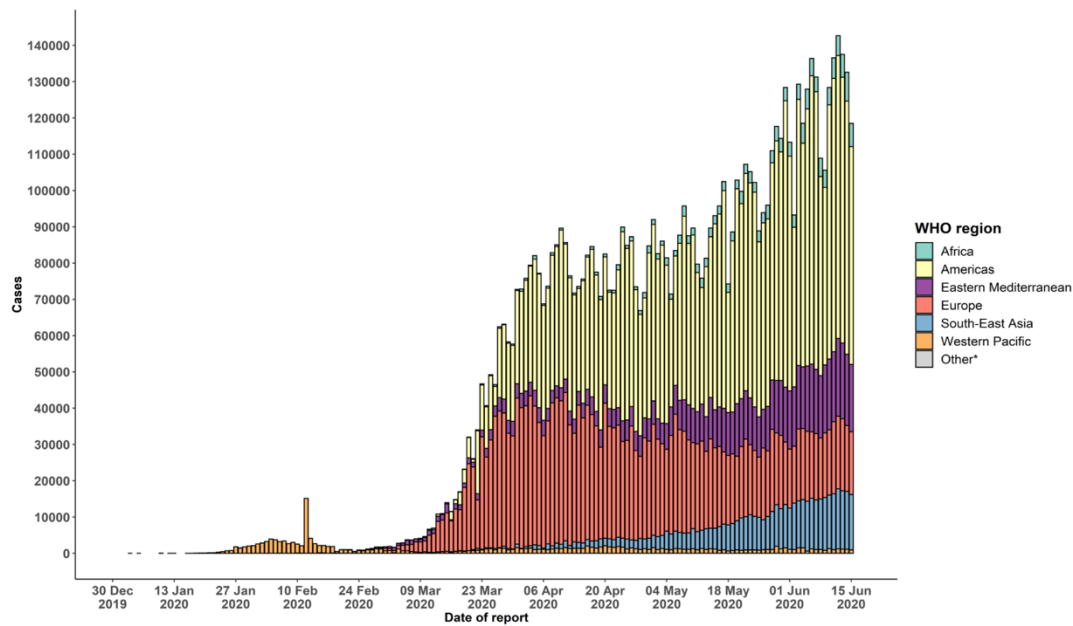


Figure 3. Number of confirmed COVID-19 cases, by date of report and WHO region, 30 December through 16 June**



A OMS também está preocupada com a Infodemics a respeito da COVID-19 e vem realizando uma série de seminários e disponibilizando documentos no site dedicado a esse tema como pode ser visto abaixo.

Global Regions

World Health Organization

Home / Risk communication / WHO ad-hoc online consultation on managing the COVID-19 infodemic

WHO ad-hoc online consultation on managing the COVID-19 infodemic

On 7 and 8 April, the WHO Information Network for Epidemiology (EPI-WIN) held a two-day global online consultation on managing the COVID-19 infodemic. The aim of this consultation was to crowdsource ideas for fighting the infodemic from an interdisciplinary group of experts and the 1,300 participants joining the webinar. Alongside the inputs of the speakers, over 350 ideas were submitted through an online interactive forum while the consultation was going on. Together, all these will form the basis for a COVID-19 infodemic framework to guide the actions governments and public health institutions can take.

Meeting documents

20 April 2020
WHO consultation on infodemic management framework - Speaker...
Download Read More

20 April 2020
WHO consultation on infodemic management framework - Provisional...
Download Read More

20 April 2020
WHO consultation on infodemic management framework - List of...
Download Read More

20 April 2020
WHO consultation on infodemic management framework - Final rec...
Download Read More

EPI-WIN updates
All visual tools
About EPI-WIN
Infodemic management

Videos

Towards a WHO framework for infodemic management
Tim Nguyen, World Health Organization
Video Presentation

Policy-makers' information needs when responding to an infodemic
Viraj Tangcharoensathien, Ministry of Public Health, Thailand
Video Presentation

AFP digital verification service
Yana Dlugy, AFP Digital Verification, France
Video Presentation

Challenges and current experience in informing infodemic management
Ève Dubé, Institut national de santé publique du Québec, Canada
Video Presentation

A OPS se prepara para a 166ª sessão do seu comitê executivo a ser realizada virtualmente de 22-23 junho de 2020.

Na Agenda estão o informe da situação da COVID-19 na Região e um documento de extrema relevância: o relatório financeiro do Diretor e o relatório do auditor externo para 2019. Esse documento é obrigatório segundo o regulamento financeiro da Organização Panamericana da Saúde (OPS) e os informes que ele trata devem ser assinados até 15 de abril, sendo a OPAS obrigada a submete-los ao Comitê Executivo na reunião de junho. De forma inusitada o prazo de 15 de abril não foi cumprido este ano devido às circunstâncias extraordinárias da pandemia da COVID-19 e como resultado da atual incerteza em torno do status das contribuições em atraso de vários Estados-Membros. Assim, a OPS solicitou que fosse adiada a emissão do parecer dos auditores sobre as demonstrações financeiras até que a situação do pagamento das quotas fosse esclarecida.

Caso contrário, nas circunstâncias financeiras atuais, a OPS receberia um parecer de auditoria qualificado em razão das dúvidas sobre a capacidade da OPS de recuperar as contribuições materiais pendentes e, portanto, a capacidade da Organização de apresentar as contas adequadamente. A OPS nunca recebeu uma opinião qualificada em sua história, e tal opinião poderia ter sérias implicações para as relações entre parceiros, bancos e investimentos.

O Comitê Executivo é convidado a tomar nota de que, como resultado da atual incerteza em torno do status das contribuições não pagas avaliadas em escala sem precedentes devido a vários Estados-Membros importantes, a OPAS solicitou que a NAO adie a emissão de seu parecer sobre as demonstrações financeiras até que a situação seja esclarecida. Este pedido é feito para atender aos melhores interesses da Organização.

Essa situação já havia sido analisada na reunião especial do comitê executivo realizada virtualmente em 29 de maio de 2020. Naquela sessão foi revisada a situação financeira atual e as medidas de ajustes às prioridades estratégicas da Organização Panamericana da Saúde.

Segundo o documento “a situação financeira atual da Organização Panamericana da Saúde (OPAS) é insustentável devido ao não pagamento de contribuições comprometidas por vários Estados-Membros à OPS em um monto total de US\$ 164,6 milhões em 30 de abril de 2020. Se a situação persistir a Organização será obrigada a tomar medidas que afetam as prioridades estratégicas da Organização e o financiamento de pessoal, operação e estrutura a partir de outubro de 2020.

A Diretora da Oficina Sanitária Panamericana (OSP) que é a secretaria da Organização Panamericana da Saúde (OPS) tem autoridade para tomar decisões financeiras, de pessoal e para promover mudanças organizacionais devido ao cenário atual que enfrenta uma severa redução do financiamento. Na sessão especial, os Estados-Membros autorizaram a diretora a realizar empréstimos internos, demitir parte da força de trabalho, reduzir o salário de funcionários, e descontinuar programas técnicos.

Ao reconhecer que as prioridades estratégicas e as dotações orçamentárias aprovadas no Orçamento do Programa da Organização Panamericana da Saúde 2020-2021, caso persista o atual cenário, serão impossíveis de cumprir com o financiamento disponível caso se realize o cenário “pior possível” foi estabelecido um Grupo de Trabalho dos Estados-Membros para rever as prioridades estratégicas da OPAS para 2020-2021, com os seguintes Termos de Referência:

Os objetivos do grupo

1. Fornecer informações e assessoria ao Diretor do Bureau Sanitário Panamericano (PASB) sobre prioridades estratégicas para a Organização Panamericana da Saúde (OPS) no cenário de financiamento "pior possível", incluindo revisões de prioridades em consequência da crise do COVID-19.

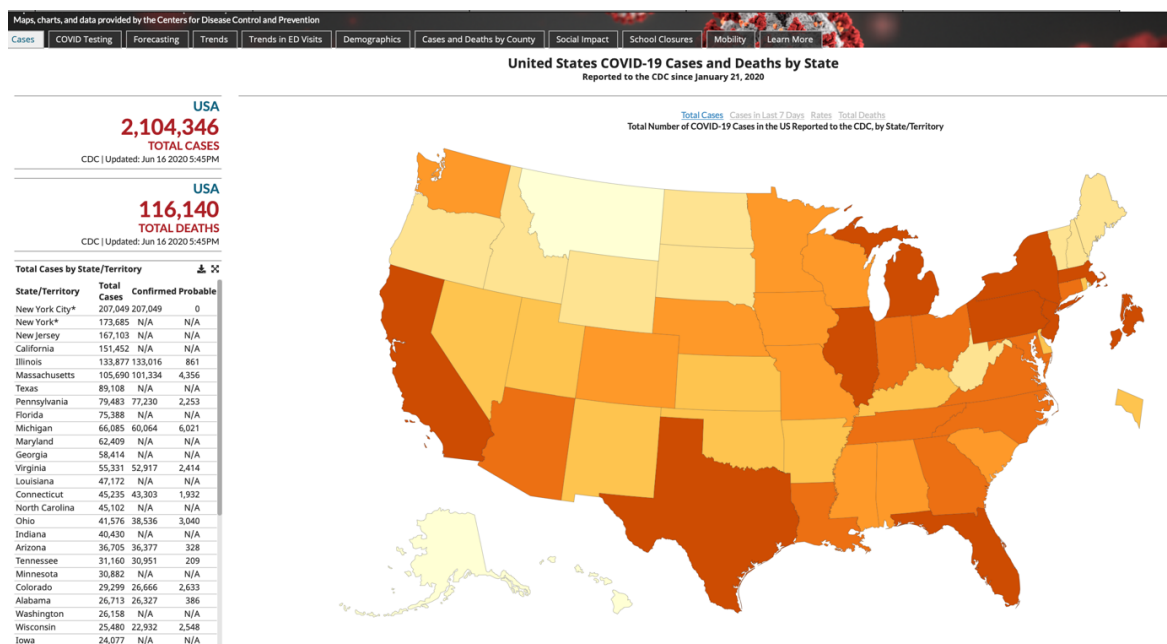
2. Preparar um conjunto de recomendações escritas ao 58º Conselho Diretor sobre prioridades estratégicas revisadas para a Organização.

O Grupo de Trabalho dos Estados-Membros (MSWG) será composto por todos os membros atuais do Comitê Executivo e de qualquer outro Estado-Membro que envie um pedido oficial até 12 de junho de 2020, iniciará os trabalhos em 16 de junho de 2020 e concluirá no 58º Conselho Diretor em setembro de 2020. Todo o trabalho será por meios virtuais, incluindo, mas não se limitando a reuniões virtuais e comunicações por e-mail. Um "procedimento de silêncio escrito" será usado (ou seja, a não resposta dentro de um período especificado indicará aprovação) a fim de agilizar os produtos entregues.

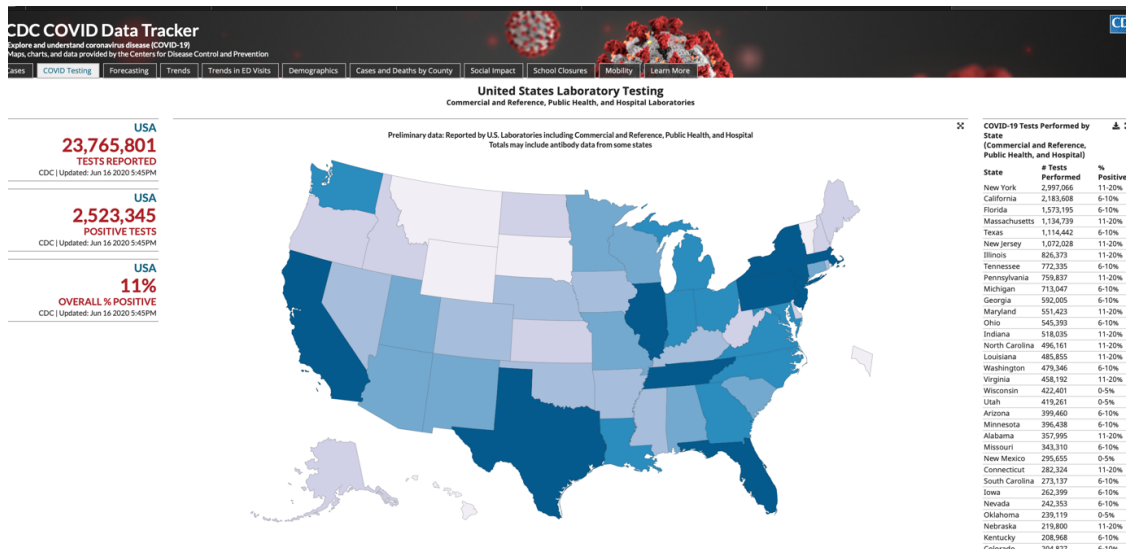
O grupo deve entregar um relatório por escrito ao 58º Conselho Diretor detalhando as recomendações para a revisão das prioridades estratégicas da OPAS previamente estabelecidas no Orçamento do Programa da Organização Panamericana da Saúde 2020-2021, e no Plano Estratégico da Organização Panamericana da Saúde 2020-2025.

EUA

Nos EUA a crise social continua dominando as notícias e polarizando as atenções. No entanto os estados que flexibilizaram as medidas de distanciamento físico estão apresentando um aumento acelerado de casos o que vem causando preocupação às autoridades sanitárias.

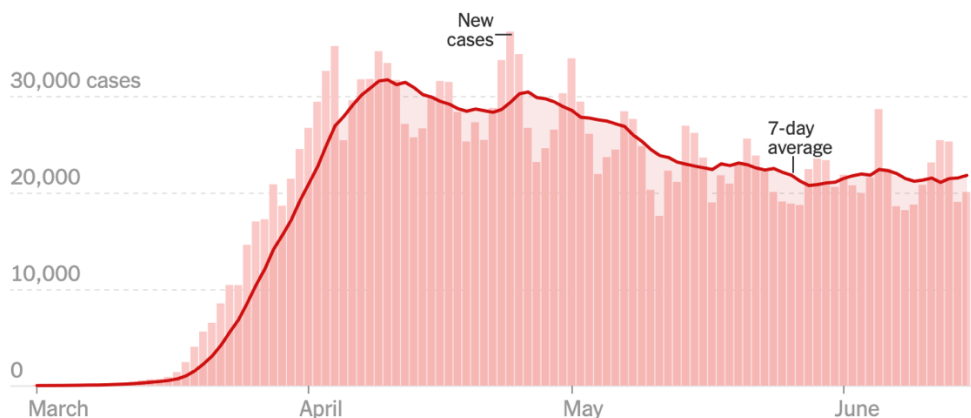


A testagem continua sendo uma das principais atividades. Com mais de 20 milhões de testes realizados, ainda que de forma heterogênea, tem servido de base para o acompanhamento da abertura e volta ao novo normal sem, contudo, evitar o aumento de casos. O gráfico abaixo mostra o estado atual da testagem e do avanço.



As figuras abaixo, publicadas por e outros no jornal New York times mostram a tendência à estabilização e um princípio de inversão da curva em junho, acompanhando o retorno de atividades e o aumento de aglomerações públicas.

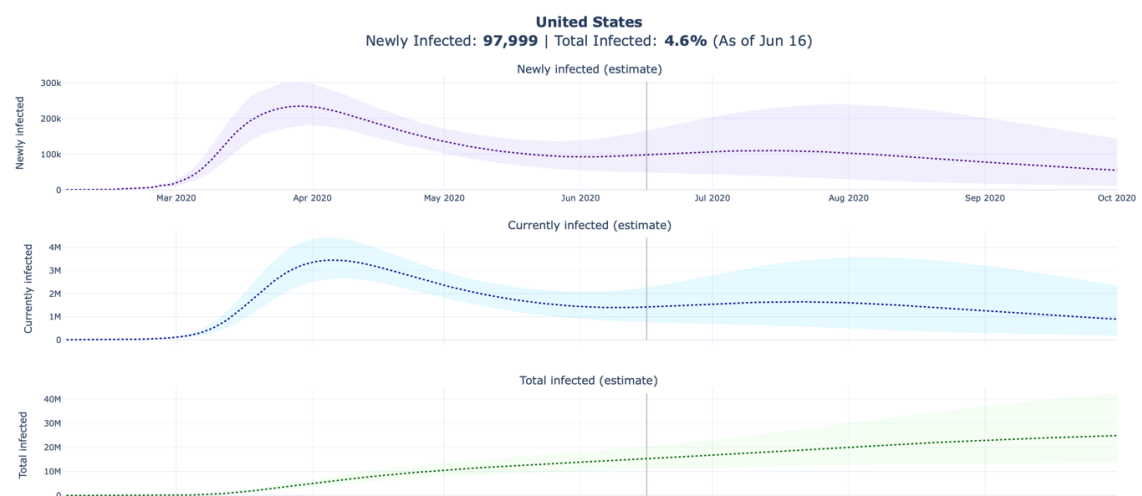
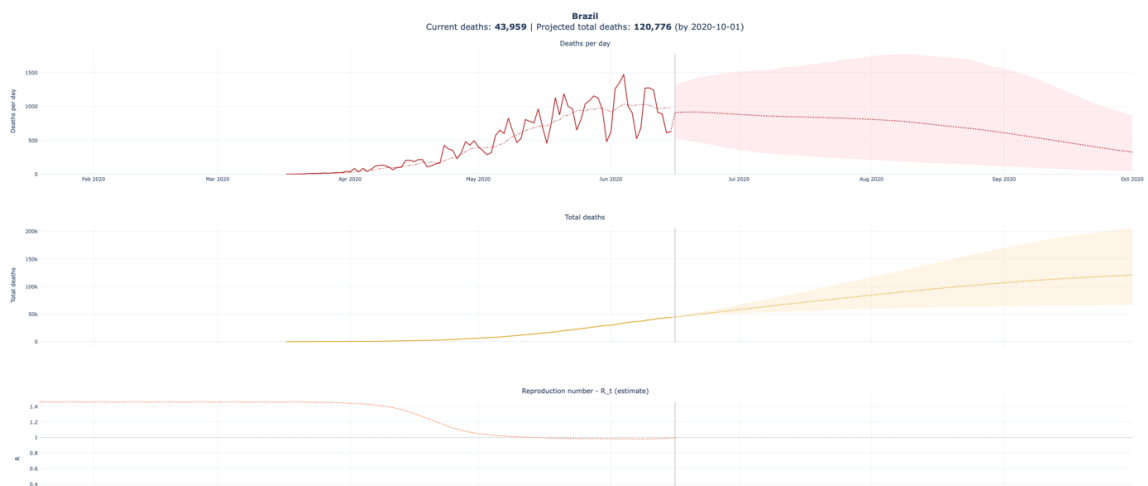
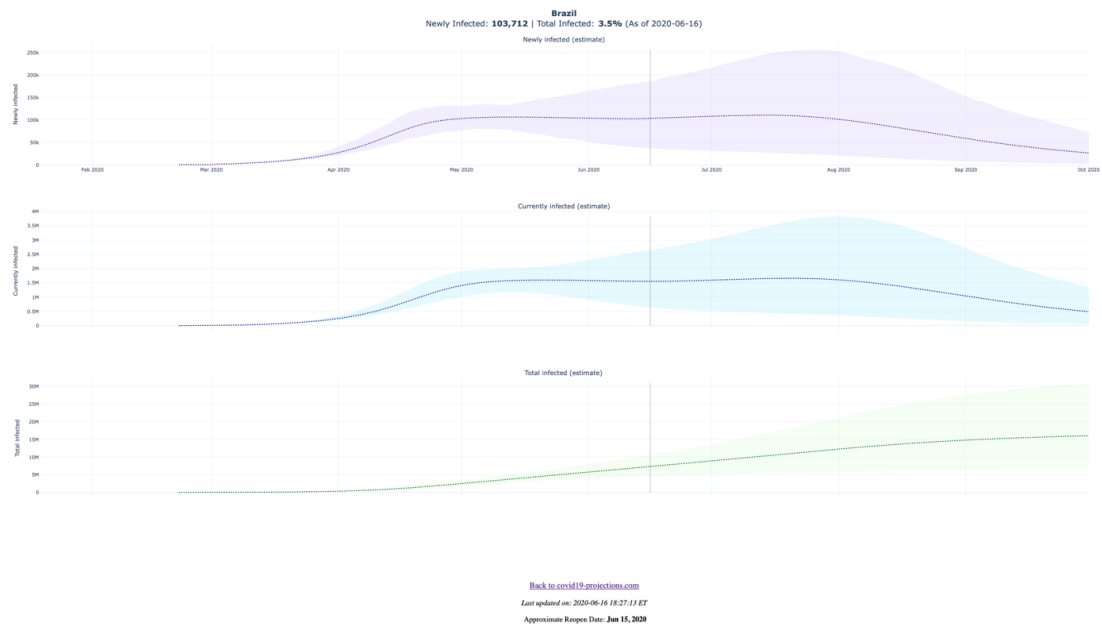
New reported cases by day in the United States



Note: The seven-day average is the average of a day and the previous six days of data.

As projeções mais precisas estão sendo aquelas do site covid19-projections.com o qual é feito por Youyang Gu, um cientista de dados independente. Youyang é bacharel em Engenharia Elétrica e Ciência da Computação e Matemática pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), aonde também fez o mestrado em Processamento de Linguagem [Natural](#) no Laboratório de Ciência [da Computação e Inteligência Artificial do MIT](#). Sua experiência é em usar “aprendizado da máquina” (Machine Learning) para entender dados e fazer previsões precisas. É uma inovação em termos de independência, ciência aberta e cidadã já que ele não mantém afiliação a nenhuma instituição e nem recebe financiamento.

Abaixo é possível observar algumas das projeções para o Brasil, EUA e para o mundo.





Rest of World Summary

Countries are ordered by descending projected deaths (by 2020-10-01).

	Current Deaths	Projected Deaths - Mean	Projected Deaths / 1M	Additional Deaths - Mean	Additional Deaths (% of Current Deaths)	Projected Deaths - 2.5th Percentile	Projected Deaths - 97.5th Percentile
<i>Rest of World</i>	139,394	609,411	117	470,017	337%	303,813	1,042,335
India	9,900	143,264	105	133,364	1347%	47,466	278,342
Brazil	43,959	120,776	572	76,817	175%	66,611	206,118
Mexico	17,580	82,581	647	65,001	370%	45,789	113,619
South Africa	1,568	33,525	573	31,957	2038%	17,143	48,174
Pakistan	2,839	28,519	132	25,680	905%	10,670	60,296
Peru	6,860	24,588	756	17,728	258%	14,186	38,731
Russia	7,081	22,338	153	15,257	215%	11,107	44,130
Chile	3,362	22,214	1,172	18,852	561%	13,938	33,731
Colombia	1,808	20,064	399	18,256	1010%	11,139	27,141
Iran	8,950	16,243	196	7,293	81%	10,104	26,503
Canada	8,228	11,471	307	3,243	39%	9,026	16,396
Egypt	1,672	11,048	110	9,376	561%	4,653	18,538
Bangladesh	1,209	10,843	67	9,634	797%	5,827	17,997

Resposta da OEA à pandemia da COVID19

Luana Bermudez

Desde o início da propagação do SARS-Cov2 nas Américas, a Organização dos Estados Americanos (OEA) tem estado ativa no desenvolvimento de uma resposta à pandemia através de seus diversos órgãos, como a Secretaria Geral, o Conselho Permanente, o Conselho Interamericano de Desenvolvimento Integral, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, a Comissão Interamericana de Mulheres, a Fundação Pan-Americana de Desenvolvimento, além, é claro, da Organização Pan-Americana da Saúde, que também é o organismo regional especializado em saúde do Sistema Interamericano,

Secretaria Geral (SG)

<http://www.oas.org/pt/>

No início de abril, a Secretaria Geral fez um comunicado sobre a situação das populações indígenas durante a pandemia, instando aos Estados membros que dediquem atenção especial à este grupo com o objetivo de mitigar o impacto social e econômico nesta população considerando sua dupla situação vulnerável, que é decorrente de uma marginalização histórica e a vida em territórios isolados geograficamente.

Além disso, a Secretaria Geral também publicou um *Guia Prático de Respostas Inclusivas e com Enfoque de Direitos perante a COVID-19 nas Américas*, com o fim de orientar os Estados membros a implementar respostas com enfoque nos direitos humanos, inclusivas e acessíveis. (http://www.oas.org/es/sadye/publicaciones/GUIA_SPA.pdf)

No dia 27 de maio, Luis Almagro, diplomata uruguaio, iniciou seu segundo mandato como Secretario Geral da OEA. Almagro concorreu ao cargo contra María Fernanda Espinosa, ex-ministra de relações exteriores e de Defesa do Equador, e foi reeleito no dia 20 de março com 23 dos 34 possíveis votos dos membros ativos da organização. O diplomata teve forte apoio dos Estados Unidos e demonstrou grande oposição aos governos de Cuba, Nicarágua e Venezuela em seu primeiro mandato. Em seu discurso de posse, Almagro reiterou o grande desafio de apoiar os países no combate à pandemia de COVID-19, seu compromisso na luta contra a desigualdade na região e ressaltou que seu foco no segundo mandato seria a normalização da democracia na região.

No início de junho, a SG fez um convite à sociedade em geral, incluindo cidadãos, servidores públicos, sociedade civil, entre outros, para participação no Portal de Consultas, Fóruns e Repositório durante e após a pandemia (<https://www.oas.org/ext/es/principal/covid-19/Inicio>).

Este portal tem o objetivo de ser um fórum para propor ideias e iniciativas que possam ser implementadas, ouvir opiniões, debates e reflexões sobre os serviços prestados ao cidadão através de seminários e mesas redondas online, e um repositório de boas práticas na luta contra a COVID-19.

Já foram abordados diversos tópicos no portal como proteção da população em situação vulnerável; gênero na legislação de emergência; segurança cibernética; acesso à informação; governança democrática; impacto da pandemia no tratamento de drogas, saúde mental e programas de uso de substâncias; entre outros. A seção de fóruns virtuais já possui mais de 60 eventos disponíveis em vídeo e o repositório possui mais de 100 iniciativas que estão sendo tomadas no âmbito da OEA, dos Estados membros, dos estados observadores, de outras organizações internacionais, além de estudos acadêmicos e pesquisas.

Além disso, a OEA publicou um *Guia para a ação política de enfrentamento à pandemia sob princípios democráticos* denominado “Carta Democrática Interamericana”. Este guia foi desenvolvido com o objetivo de promover os princípios democráticos como elementos essenciais para a restauração econômica e social e resposta às demais consequências da pandemia. O documento aborda a necessidade de proteção de grupos vulneráveis, como trabalhadores informais, de adoção de medidas transversais e de transparência nas atividades governamentais (<http://www.oas.org/documents/spa/press/La-CDI-Guia-de-accion-politica-para-la-pandemia-5.28.pdf>)

Conselho Permanente (CP)

<http://www.oas.org/es/council/>

O Conselho Permanente decidiu em sessão extraordinária virtual no dia 16 de abril que realizaria reuniões virtuais até que haja condições para que o órgão possa realizar sessões presenciais ([CP/RES. 1150 \(2280/20\)](#)). Além disso, aprovou também resolução [CP/RES. 1151 \(2280/20\)](#), intitulada “Resposta da OEA à pandemia da COVID-19”, que destaca a necessidade de união frente a esta crise sem precedentes, de fortalecimento da cooperação e solidariedade entre os Estados membros (intercâmbio de informações, conhecimentos científicos, lições aprendidas e melhores práticas), de priorização da prevenção da violência de gênero e de toda forma de discriminação (racismo e xenofobia), e da promoção da ação regional (<http://www.oas.org/en/cim/docs/CP42233S06-EN.pdf>).

Desde então o Conselho Permanente teve algumas sessões virtuais extraordinárias de acordo com a solicitação de Estados membros ou da Secretaria Geral ou ordinárias. As sessões extraordinárias ocorreram nos dias 22 de abril, 20 de maio, 27 de maio e 10 de junho, conforme detalhamento abaixo:

1. Sessão extraordinária 22/04 - convocada pela Costa Rica com o objetivo de analisar a situação da pandemia na região e os desafios econômicos, que contou com a participação da OPAS, do BID e da Secretaria geral da OEA.
2. Sessão extraordinária 20/05 – convocada pelo Haiti com o objetivo de fazer uma exposição sobre a situação do país no contexto da COVID-19, ressaltando, entre outros aspectos, os desafios enfrentados pelo governo e as medidas de urgência que ele vem tomando em benefício da população.
3. Sessão extraordinária 27/05 – para a posse de Luis Almagro em seu segundo mandato como Secretário Geral da OEA
4. Sessão extraordinária 10/06 – sessão dedicada aos observadores permanentes para diálogo sobre cooperação, compartilhamento de informações e fortalecimento de parcerias – Espanha, Itália, França, Santa Sé, Japão, Suíça, Coreia, Reino Unido, Catar,

União Europeia, e China (observadora interina). Os observadores compartilharam suas respostas nacionais.

Além disso, foram realizadas duas sessões ordinárias, em 13 e 27 de maio. Além de tratar de temas administrativos, também discutiram temas relacionados à pandemia. Na sessão de 13 de maio o Conselho publicou uma resolução adiando o Quinquagésimo Período Ordinário de Sessões da Assembleia Geral, que seria realizado em junho, para outubro de 2020, e na sessão de 27 de maio a Junta Interamericana de Defesa fez uma apresentação sobre seu possível apoio na resiliência frente à pandemia.

Comissão Interamericana de Desenvolvimento Integral (CIDI)

<http://www.oas.org/es/cidi/>

Poucos dias depois da resolução da CP para a realização de reuniões virtuais, no dia 28 de abril a CIDI adotou a mesma resolução. Além disso, também aprovou um programa e trabalho da Secretaria Executiva de Desenvolvimento Integral (SEDI) em resposta à COVID-19, considerando os desafios, oportunidades e compromissos dos Estados membros.

Comissão Interamericana de Mulheres (CIM)

<http://www.oas.org/es/cim/COVID-19.asp>

A Comissão Interamericana de Mulheres lançou um documento sobre os impactos da pandemia nas vidas das mulheres, com o objetivo de gerar insumos para que os Estados membros possam desenvolver políticas inclusivas com foco nas necessidades das mulheres, fortalecer os espaços de defesa dos direitos das mulheres e garantir uma participação igualitária nos comitês de resposta à crise. O documento tem como temas centrais a tomada de decisão, a violência contra mulheres, os direitos econômicos das mulheres e a saúde, com ênfase na saúde sexual e reprodutiva.

Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)

<http://www.oas.org/pt/cidh/>

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos foi criada em 1959 pela OEA e faz parte do Sistema Interamericano de proteção dos Direitos Humanos (SIDH), junto com a Corte que foi criada em 1979. Desde a chegada da epidemia na região, a comissão tem se mostrado bastante ativa. No dia 15 de março a CIDH publicou diretrizes para a proteção abrangente da saúde e dos direitos humanos contra a pandemia na região, com base na Relatoria Especial sobre Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais (REDESCA) e os outros mecanismos de monitoramento vigentes. Essas diretrizes focaram na questão da necessidade de medidas especiais serem tomadas para a garantia que os direitos dos cidadãos afetados pelas medidas de controle, a necessidade de assegurar que as empresas garantissem os direitos humanos de seus trabalhadores e a necessidade de dar atenção especial aos grupos em situação de vulnerabilidade, incluindo povos indígenas, camponeses, migrantes, pessoas privadas de liberdade, grupos sociais nas periferias das cidades e grupos econômicos negligenciados pelas

redes de segurança social, pessoas com deficiência, pessoas com certas patologias e doenças, os idosos , e as crianças e adolescentes.

(<http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2020/060.asp>)

Logo depois, a CIDH elaborou também um documento com cinco recomendações para a garantia e fortalecimento da livre circulação de informação durante a pandemia. O documento insta pela transparência de informação em relação a ameaça do vírus, pela necessidade de garantia de acesso a internet pela população, proteção dos jornalistas, combate às *fake news* e a proteção dos direitos individuais na utilização de ferramentas de tecnologia para a vigilância.

(<http://www.oas.org/es/cidh/expresion/showarticle.asp?artID=1170&IID=2>)

No fim do mês de março, a CIDH tomou um passo importante na resposta à pandemia e instalou uma Sala de Coordenação e Resposta Oportuna e Integrada (SACROI) à crise relacionada com a pandemia de COVID-19. A sala foi criada com o objetivo de dar continuidade e fortalecer a estratégia da CIDH de monitoramento aos impactos dos direitos humanos de populações e grupos vulneráveis no contexto da pandemia, podendo então trabalhar de maneira preventiva em situações que possam gerar impactos nos direitos humanos na região.

Uma das primeiras iniciativas e principais resultados da SACROI foi a elaboração da Resolução n. 01/2020 intitulada “Pandemia e Direitos Humanos nas Américas” adotada pela CIDH no dia 10 de abril. A resolução contém 85 recomendações aos Estados membros para que estes possam adotar um enfoque de direitos humanos em suas estratégias, políticas e medidas dirigidas ao enfrentamento da pandemia, incluindo os planejamentos de retomada de atividades e restauração econômica e social. Esta resolução é vista como um marco no direito à saúde na região das Américas. Dentre as diversas contribuições da resolução, cabe destacar a menção do direito à saúde como um direito independente e não apenas parte do direito à vida, ressaltando que é um bem público e responsabilidade dos estados, e o dever dos Estados de prover informação ampla e baseada em evidências.

(<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/Resolucion-1-20-es.pdf>)

A elaboração de um site foi outra importante iniciativa da SACROI, facilitando o acesso à informação sobre o monitoramento da CIDH de respostas adotadas pelos Estados membros e seus impactos nos direitos humanos. O site contém informação estratégica, boletins informativos diários sobre a situação regional, seminários virtuais e estatísticas sobre os casos de COVID-19 na região e no mundo. (http://www.oas.org/es/cidh/SACROI_COVID19/)



OEA

Más derechos
para más gente



English ■ Español

Buscar en el sitio...



Acerca de la CIDH

Casos

Medidas Cautelares

Informes

Sesiones y Audiencias

Actividades

Relatorías

Prensa

CIDH
Comisión Interamericana
de Derechos Humanos

SACROI-COVID19

Sala de Coordinación y
Respuesta Oportuna e Integrada

OEA » Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) » SACROI COVID-19

Medidas y Cronología de
la pandemia

Documentos

Webinars

Boletines

Pronunciamento en
redes sociales

SACROI COVID-19

La Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) instaló su Sala de Coordinación y Respuesta Oportuna e Integrada a la crisis en relación con la pandemia del COVID-19 (SACROI COVID-19) para fortalecer las capacidades institucionales de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos para la protección y defensa de las libertades fundamentales y derechos humanos en este contexto, en especial del derecho a la salud y otros DESCA. [Comunicado 60/20]

La SACROI se ocupará de dar seguimiento cercano a la situación de los derechos humanos en contexto de la pandemia de COVID-19 reforzando la integralidad e



SACROI-COVID19

SACROI-COVID19
Sala de Coordinación y
Respuesta Oportuna e Integrada

Fuente: http://www.oas.org/es/cidh/SACROI_COVID19/

Além da elaboração da resolução e do site, desde sua criação, a SACROI já emitiu mais de 20 comunicados de imprensa sobre a situação na região com enfoque temático ou de país, 52 boletins informativos com notícias da região em relação à pandemia, 5 foros sociais com a participação da sociedade civil de Estados membros, 11 seminários virtuais, entre outros.

Os seminários virtuais são realizados duas vezes por semana e já foram discutidos diversos temas como o papel da CIDH no contexto da pandemia; a situação dos direitos humanos na Venezuela; o papel das instituições nacionais de direitos humanos nesse contexto; o direito à saúde a partir da indivisibilidade e interdependência; situação dos direitos humanos dos povos indígenas; respostas nacionais ou oportunidades de cooperação; a situação dos direitos humanos dos idosos; a situação dos direitos humanos de crianças e adolescentes; racismo e discriminação contra pessoas de ascendência africana nas Américas; situação dos direitos humanos das pessoas privadas de liberdade; e situação dos defensores dos direitos humanos no contexto da pandemia. (http://www.oas.org/es/cidh/SACROI_COVID19/webinars.asp)

Por fim, outra iniciativa importante da CIDH foi o lançamento do Sistema interamericano de monitoramento de recomendações (SIMORE Interamericano). O objetivo deste sistema é ser um mecanismo de prestação de contas, transparência e participação na supervisão das recomendações na região. Suas principais funções são permitir que os cidadãos façam buscas especializadas sobre as recomendações de resoluções, relatórios temáticos e medidas cautelares concedidas, e permitir que os usuários façam contribuições através do envio de informações sobre o seguimento de recomendações por parte dos Estados membros. (<https://www.oas.org/ext/es/derechos-humanos/simore/>)



Fonte: <https://www.oas.org/ext/es/derechos-humanos/simore/>

Abaixo a lista de comunicados de imprensa publicados pela CIDH e pela SACROI desde o início da pandemia na região (<http://www.oas.org/pt/cidh/prensa/comunicados.asp>):

- 19 de março – Os governos devem promover e proteger o acesso e a livre circulação de informações durante a pandemia.
- 20 de março – A CIDH e sua REDESCA instam a assegurar as perspectivas de proteção integral dos direitos humanos e da saúde pública frente à pandemia do COVID-19.
- 29 de março – A CIDH e sua REDESCA manifestam profunda preocupação pelos efeitos da pandemia COVID-19 na Venezuela e chamam a garantir os direitos das pessoas venezuelanas na região.
- 31 de março – A CIDH urge os Estados a garantir a saúde e a integridade das pessoas privadas de liberdade e de suas famílias diante da pandemia da COVID-19.
- 8 de abril – No contexto da pandemia de COVID-19, a CIDH insta os Estados a garantir os direitos das pessoas com deficiência
- 11 de abril – A CIDH faz um chamado aos Estados a incorporar a perspectiva de gênero na resposta à pandemia do COVID-19 e a combater a violência sexual e intrafamiliar neste contexto..
- 17 de abril – A CIDH insta os Estados da OEA a garantir que as medidas excepcionais adotadas para enfrentar a pandemia da COVID-19 sejam compatíveis com suas obrigações internacionais.
- 17 de abril – CIDH insta os Estados a proteger os direitos humanos dos migrantes, refugiados e pessoas deslocadas em face da pandemia de COVID-19

- 18 de abril – A CIDH e seu RELE expressam preocupação com as restrições à liberdade de expressão e acesso à informação na resposta do Estado à pandemia de COVID-19
- 20 de abril – A CIDH insta os Estados a garantirem os direitos das pessoas LGBTI em resposta à pandemia da COVID-19.
- 23 de abril – A CIDH insta os Estados a garantir os direitos dos idosos diante da pandemia de COVID-19
- 27 de abril – A CIDH alerta para as consequências da pandemia de COVID-19 em crianças e adolescentes.
- 28 de abril – A CIDH e sua REDESCA pedem aos estados da região que garantam os direitos das pessoas de ascendência africana e previnam a discriminação racial no contexto da pandemia do COVID-19.
- 1 de maio – Respeito pelo luto das famílias dos que morreram na pandemia de COVID19
- 5 de maio – A CIDH insta os Estados a proteger e garantir o trabalho dos defensores dos direitos humanos em face da pandemia de COVID-19
- 6 de maio – A CIDH alerta sobre a vulnerabilidade especial dos povos indígenas à pandemia de COVID-19 e insta os Estados a tomar medidas específicas que sejam consistentes com sua cultura e respeito por seus territórios.
- 14 de maio – A CIDH e vários especialistas internacionais chamam a atenção para o sofrimento e a resiliência das pessoas LGBT durante a pandemia de COVID-19
- 16 de maio – CIDH insta os Estados a garantir os direitos do povo venezuelano que retorna à Venezuela em face da pandemia de COVID-19
- 2 de junho – A CIDH e sua REDESCA instam os Estados a proteger efetivamente as pessoas que vivem na pobreza e extrema pobreza nas Américas da pandemia de COVID-19
- 4 de junho – Indígenas amazônicos estão “em grave risco” frente ao COVID-19, alertam ONU Direitos Humanos e CIDH.
- 9 de junho – A CIDH chama a garantir a vigência da democracia e do Estado de Direito no contexto da pandemia de COVID-19.

Fundação Pan-Americana de Desenvolvimento (FUPAD)

<https://www.padf.org/covid19-response>

A FUPAD é uma entidade privada criada em 1962 que tem um acordo de cooperação com a OEA para o apoio de programas de desenvolvimento e ajuda a vítimas de desastres naturais e crises humanitárias. O Secretário Geral atua como presidente do Conselho Diretivo da fundação, que é composto por 25 líderes do setor privado da região. A fundação atua através de parcerias com organizações públicas, privadas e sem fins lucrativos para apoiar os objetivos e prioridades da OEA. Banco Mundial, BID, USAID, etc.

Como a pandemia gerou uma importante crise na região, o FUPAD elaborou um planejamento de apoio à resposta nas seguintes áreas: saúde e meios de subsistência; justiça e segurança; democracia, governança e direitos humanos; refugiados, pessoas deslocadas internamente e migrantes no México e na América Central; e educação virtual em ciência, tecnologia, engenharia e matemáticas (STEM, sigla em inglês). É importante destacar que a FUPAD tem quase 60 anos de experiência na região e já possui importantes parcerias com comunidades locais, sociedade civil e o setor público.

Saúde e meios de subsistência

	Nivel de la comunidad	Nivel del sistema de salud
Término corto	Prevención comunitaria y respuesta	Atención a pacientes en centros de salud
Plazo más largo	Mitigación del impacto social y económico en las comunidades y los medios de vida locales	Prestación de servicios de salud comunitarios de rutina para centros de salud sobrecargados

 áreas en las que PADF **está preparada** para proporcionar servicios inmediatos

 áreas en las que PADF **no está preparada** para proporcionar servicios inmediatos

Fonte: <https://www.padf.org/covid19-healthandlivelihoods>

Ações concretas:

- Criação de redes da sociedade civil e promoção da coordenação entre os governos locais e as comunidades
- Fornecimento de insumos de higiene, como sabão, desinfetante e baldes
- Capacitação de grupos em situação vulnerável (trabalhadores informais)
- Apoio no acesso dos agricultores aos mercados e conexão com cadeias de suprimento
- Apoio à micro, pequenas e médias empresas subsídios de emergência, reembolsos de impostos, aluguéis e isenções de dívidas para empreendedores
- Implementação de programas de emergência para melhorar o acesso à atenção primária em saúde
- Fornecimento de equipamentos e suprimentos biomédicos
- Oficinas de apoio psicossocial à populações afetadas

Justiça e segurança

	Nivel de la comunidad	Nivel institucional
Término corto	Apoyar los esfuerzos de vigilancia comunitaria	Identificar la innovación en las prácticas judiciales y la gestión de instalaciones correccionales
Plazo más largo	Asociarse con las partes interesadas para mitigar el impacto negativo en las condiciones de seguridad y el acceso a la justicia dentro de las comunidades	Brindar asistencia técnica para ampliar las innovaciones críticas en el poder judicial y alentar a la fiscalía a trabajar de manera efectiva durante las crisis y emergencias

Fonte: <https://www.padf.org/covid19-justiceandsecurity>

Ações concretas:

- Treinamento e assistência técnica às agências policiais da região, para que funcionários e comunidades possam participar efetivamente das estratégias de prevenção do crime social.
- Treinamento e capacitação técnica com o judiciário para reduzir os atrasos

Democracia, governança e direitos humanos

	Nivel de la comunidad	Nivel institucional
Término corto	Sensibilizar a la comunidad y generar confianza sobre los derechos de salud y el acceso a los servicios	Asegurar que las respuestas del gobierno a la pandemia de COVID-19 sean efectivas, transparentes, éticas y responsables
A largo plazo	Reconstruir y fortalecer la cohesión e inclusión de la comunidad	Mejorar la capacidad de prestación de servicios públicos y la transparencia de las instituciones públicas

Fonte: <https://www.padf.org/covid19-democracygovernanceandhumanrights>

Ações concretas:

- Trabalho com comunidades e governos locais para a disseminação de informação confiável sobre o acesso aos serviços de saúde
- Monitoramento dos poderes executivo, legislativo e judiciário, documentação de violações dos direitos humanos e realização de atividades de promoção e sensibilização.
- Realização de atividades de construção comunitária que promovam o intercâmbio, interação e ação colaborativa
- Treinamento e assistência técnica a funcionários e servidores públicos

Refugiados, pessoas deslocadas internamente e migrantes no México e na América Central

	Nivel de la comunidad	Nivel institucional
Término corto	Entregar suministros urgentemente necesarios	Desarrollar y apoyar la capacidad local para proporcionar servicios
Plazo más largo	Mitigar el impacto social y económico	Recopilar y compartir datos para mejorar las condiciones de los migrantes

Fonte: <https://www.padf.org/covid19-migrants>

Ações concretas:

- Apoio a iniciativas locais de promoção de oportunidades de emprego
- Apoio legal e psicossocial à organizações assegurar a proteção dos direitos dos migrantes

Educação STEM (Ciência, tecnologia, engenharia e matemáticas, siglas em inglês) Virtual

Enseguida	Nivel de la comunidad	Nivel institucional
	Creación de contenido STEM en línea	Capacitación de profesores para enseñar en línea
		Habilitación de plataformas en línea y apoyo a los administradores escolares
Abordar las inequidades de género en la educación STEM		

Fonte: <https://www.padf.org/covid19-stem>

Ações concretas:

- Disponibilização de recursos educativos online
- Apoio ao intercambio de conhecimento e educação à distância
- Promoção de estratégias com enfoque de gênero, priorizando o acesso de meninas e mulheres jovens à educação

Resposta do Banco Mundial à COVID-19

Isis Pillar Cazumbá e Miryam Minayo

Este relatório foi elaborado com base nas informações contidas no site oficial do Banco Mundial. A pandemia da COVID-19 está afetando seriamente o mundo e, principalmente, os países em desenvolvimento. Os países considerados mais pobres estão sob o risco de não conseguirem honrar os seus compromissos socioeconômicos. O Banco Mundial, segundo a fonte oficial, está apoiando esses países com injeções financeiras em suas economias através de projetos desenvolvidos com o intuito de amenizar os danos provocados pelo contexto sanitário.

INICIATIVAS DO BANCO MUNDIAL PELO MUNDO

Caribe

O Banco Mundial está trazendo financiamento e apoio ao conhecimento para ajudar os países da região a lidar com as ameaças à saúde e os impactos sociais e econômicos da pandemia. O financiamento para resposta imediata à saúde é proveniente da *COVID-19 Fast-Track Facility*, pelo acionamento de mecanismos de financiamento de contingência como opções de retirada por catástrofe (Catastrophe Deferred Drawdown Options - CAT DDOs) e realocando rápido e flexível dos recursos de projetos existentes para apoiar a resposta à COVID-19.

O apoio inicial concentrou-se principalmente no impacto da crise sanitária, ajudando os países a adquirir suprimentos essenciais para detectar, conter e tratar a COVID-19 e a fortalecer os sistemas de saúde. Nesse momento, inicia-se uma nova fase do apoio, que consiste em auxiliar os países a lidarem com os impactos sociais, econômicos e financeiros da crise e a se prepararem para a recuperação.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/factsheet/2020/06/11/world-bank-response-to-covid-19-coronavirus-in-the-caribbean>

Maldivas

No dia 9 de junho, o Banco Mundial aprovou financiamento de US\$12.8 milhões para o Projeto de Apoio à Renda de Emergência da COVID-19. O projeto ajudará a mitigar o impacto econômico da crise sobre trabalhadores pobres e vulneráveis e suas famílias. Igualmente, visa a aumentar a capacidade dos programas de proteção social do país para responder a emergências futuras.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/loans-credits/2020/06/09/maldives-covid-19-emergency-income-support-project>

Nepal

No dia 10 de junho, o Banco Mundial aprovou um projeto de US \$ 450 milhões para ajudar o Nepal a melhorar suas estradas e definir o caminho para a recuperação econômica pós COVID-19 por meio de um maior comércio transfronteiriço, gerando mais empregos, especialmente para mulheres.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/06/09/new-world-bank-strategic-roads-project-to-aid-economic-recovery-post-covid-19-in-nepal>

Tajiquistão

O projeto Emergência COVID-19 com financiamento de US \$ 11,3 milhões ajudará a estabelecer cerca de 100 novos leitos da Unidade de Terapia Intensiva totalmente equipados em todo o país e fortalecerá a capacidade do sistema de saúde de tratar indivíduos infectados com a COVID-19. Suprimentos urgentemente necessários para ajudar a detectar e prevenir a doença também serão adquiridos. O projeto também financiará atividades de comunicação, por meio da mídia e das comunidades locais, para garantir que o público tenha informações atualizadas sobre a pandemia e sobre medidas preventivas. Além disso, para ajudar a compensar os possíveis impactos da pandemia nos mais pobres e vulneráveis da sociedade, algumas transferências de dinheiro de emergência também serão financiadas, visando principalmente famílias com insegurança alimentar e crianças pequenas.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/infographic/2020/06/12/world-bank-emergency-response-to-covid-19-coronavirus-pandemic-in-tajikistan>

Panamá

No dia 11 de junho, O Banco Mundial aprovou o Projeto de Resposta a Emergências da COVID-19 do Panamá, com empréstimo do BIRD de US\$ 20 milhões. O objetivo é apoiar a capacidade do governo de detectar e responder à pandemia da COVID-19 e fortalecer o sistema nacional de saúde pública.

Disponível em: <https://projects.worldbank.org/en/projects-operations/project-detail/P173881#key-details>

Resposta do BID à COVID-19

Isis Pillar Cazumbá e Miryam Minayo

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) está trabalhando para a contenção da crise econômica, social e sanitária provocada pela COVID-19 com o desenvolvimento de ações e projetos ao redor da América Latina e Caribe.

Iniciativas do BID na região

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o BID Invest anunciaram a abordagem que darão ao conjunto de recursos financeiros e técnicos que disponibilizaram aos seus países membros mutuários e empresas para lidar com a crise desencadeada pelo coronavírus causador da doença COVID-19.

Com base em um extenso diálogo com os governos de seus países membros e na análise técnica de seus especialistas, o Grupo BID informou que seu apoio estará concentrado em quatro áreas: **Resposta imediata à saúde pública; Redes de proteção para populações vulneráveis; Produtividade econômica e emprego e Políticas fiscais para aliviar impactos econômicos.** O Grupo BID aumentou a disponibilidade de recursos e ajustou seus instrumentos de empréstimo, a fim de agilizar seu apoio aos países afetados pelo vírus.

Desde o final de janeiro, o Grupo BID aumentou a disponibilidade de recursos e ajustou seus instrumentos de empréstimo, a fim de agilizar seu apoio aos países afetados pelo vírus. O Banco também estabeleceu plataformas de intercâmbio e aprendizado para disponibilizar todo o conhecimento técnico para a região e facilitar o diálogo com organizações internacionais e governos que estão colaborando para combater a pandemia.

Além de reprogramar a carteira existente de projetos de saúde para enfrentar a crise, o BID pode direcionar US\$ 3,2 bilhões adicionais ao programa de empréstimos inicialmente estipulado para 2020. Esses fundos, somados aos recursos disponíveis já programados para 2020, colocariam à disposição dos países até US\$ 12 bilhões que podem ser usados para a crise e suas consequências.

O BID Invest, a instituição do Grupo BID que atende o setor privado, dedicará até US\$ 5 bilhões a esses esforços em 2020. Desse montante, US\$ 4,5 bilhões serão provenientes de seu programa de investimentos e se concentrarão nas empresas afetadas pela crise. Além disso, o BID Invest está trabalhando na criação de um novo mecanismo de mitigação de crises, no valor de US\$ 500 milhões, que priorizará investimentos que respondam à pandemia por meio do setor de saúde e que forneçam acesso a créditos de curto prazo para as PME, por meio de instituições financeiras e financiamento da cadeia de suprimentos.

Os governos também podem solicitar o redirecionamento de recursos da carteira de projetos que já estão em andamento para atender às necessidades geradas pelo vírus. Estes recursos podem chegar a US\$ 1,35 bilhão.

Disponível em: <https://www.iadb.org/pt/noticias/grupo-bid-anuncia-areas-prioritarias-de-apoio-aos-paises-afetados-pelo-covid-19>

Iniciativas do BID no Brasil

Bahia

Com recursos de R\$ 838mil, o Banco Interamericano de Desenvolvimento transformou o Hospital Espanhol, que fica na cidade de Salvador, Bahia, em um hospital de campanha. O hospital, que antes estava abandonado, atende a pacientes graves pela COVID-19.

Disponível em: <https://www.iadb.org/pt/noticias/hospital-abandonado-na-bahia-e-transformado-em-hospital-de-campanha-com-apoio-do-bid>

São Paulo

Com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, foi inaugurado no mês de maio o Hospital de Urgência na cidade de São Bernardo do Campo, SP. O hospital irá priorizar pacientes com a COVID-19, onde disponibilizará 250 leitos e será referência de atendimento em urgências e emergências.

Disponível em: <https://www.iadb.org/pt/noticias/com-apoio-do-bid-sao-bernardo-do-campo-inaugura-hospital-de-urgencia-com-250-leitos>

Relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento

Segundo o BID, a pandemia provocada pela COVID-19 agrava a queda das exportações na América Latina. O BID analisou o desempenho comercial de 15 países da região e constatou que o valor dessa queda chegou a 3,2% no primeiro trimestre em 2020 comparado com o ano anterior.

Disponível em: <https://www.iadb.org/pt/noticias/covid-19-agrava-queda-de-exportacoes-latino-americanas>

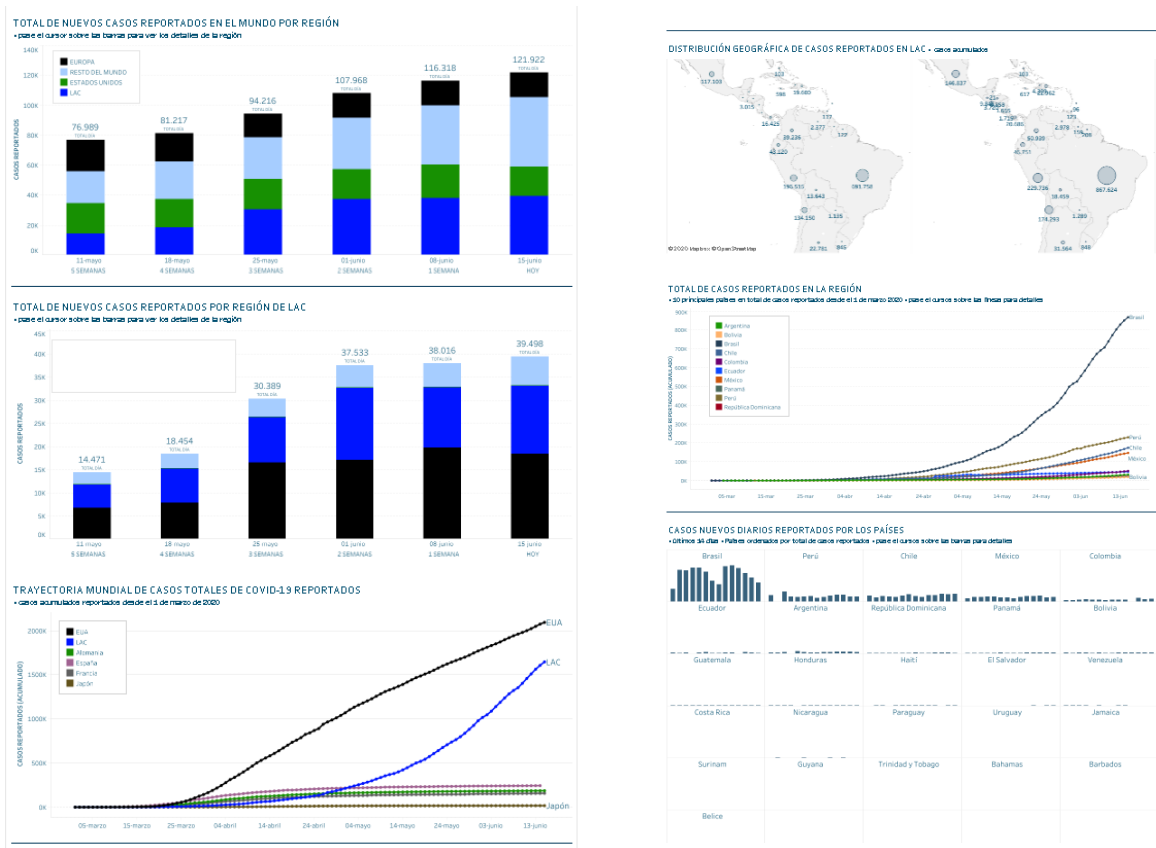
FERRAMENTAS DISPONIBILIZADAS PELO BID

Quadro de controle do BID sobre a situação do Coronavírus na América Latina

É uma plataforma com atualizações diárias sobre a evolução do coronavírus na região: novos casos, casos confirmados, distribuição geográfica, entre outros.

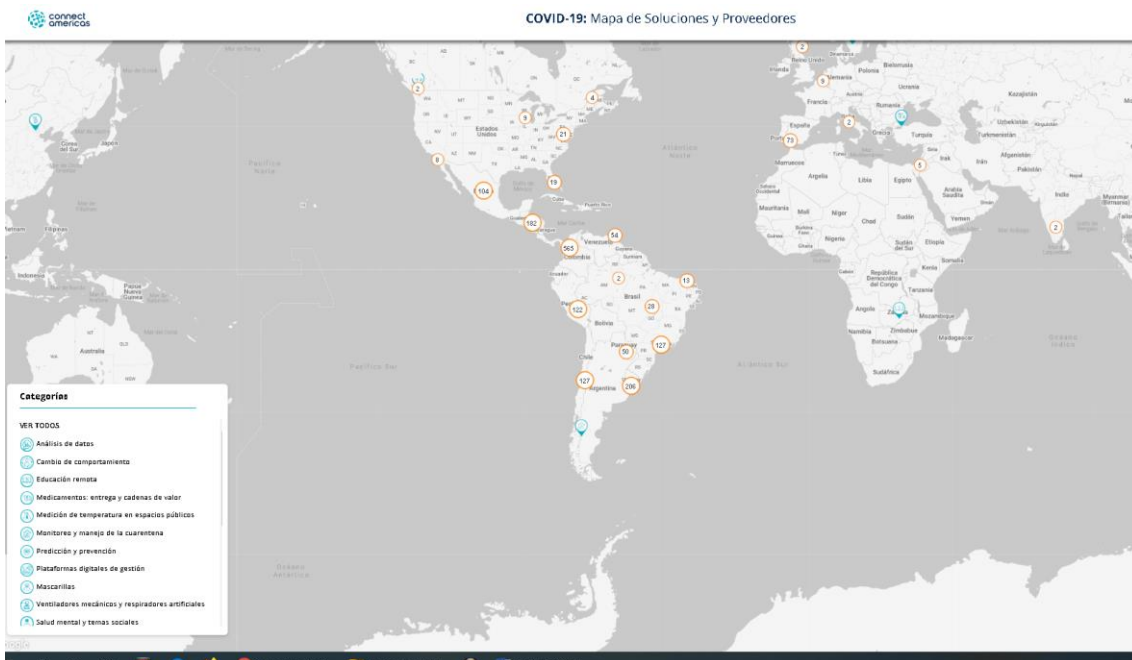
<https://www.iadb.org/es/coronavirus/situacion-actual-de-la-pandemia>

IDB COVID-19 • REPORTE SITUACIONAL							
ÚLTIMA ACTUALIZACIÓN: 15/6/2020 12:08:18 FUENTE: División de Protección Social y Salud del BID (SPH) con datos de CDC Europeo.							
CASOS REPORTADOS		CASOS POR 100.000 HABITANTES		MUERTES REPORTADAS		MUERTES POR 100.000 HABITANTES	
7.882.230	1.646.395	104,40	263,16	433.259	79.542	5,74	12,71
MUNDIAL	LAC	MUNDIAL	LAC	MUNDIAL	LAC	MUNDIAL	LAC
COVID-19 INFORMACIÓN RÁPIDA • 15 de junio de 2020							
▶ América Latina y el Caribe (LAC) representa 20,89% de los casos reportados a nivel global (1.646.395 casos reportados en LAC desde el 26 de febrero de 2020).							
▶ 122.236 casos reportados a nivel mundial en 15 de junio de 2020. Eso representa una tendencia a la baja comparada con el promedio de los últimos 7 días.							
▶ 39.498 casos nuevos reportados en LAC en 15 de junio de 2020. Eso representa un incremento de 125% comparado con los totales reportados hace 7 días.							



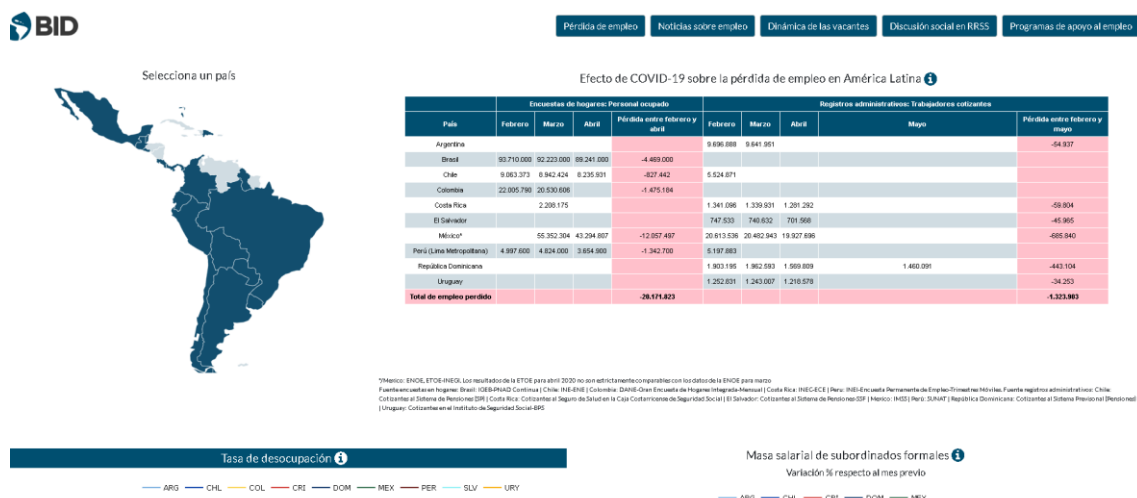
Mapa de Soluções de Empreendedores na ALC

O mapa mostra os produtos e serviços oferecidos por empresas da América Latina e do Caribe para enfrentar os desafios apresentados pela pandemia do novo Coronavírus. (<https://www.iadb.org/es/coronavirus/resumenes-y-visualizaciones>)



Observatório do Trabalho COVID-19 | Banco Interamericano de Desenvolvimento

Informações atualizadas sobre perda de emprego, dinâmica de vagas, programas de apoio ao emprego nos países da região. <https://observatoriolaboral-bid.herokuapp.com/>



G20

Lema da Arábia Saudita, como Presidência Pró-Tempore do G20/2020 – “Lutando por um futuro de prosperidade, sustentabilidade e inclusão”

12 de junho de 2020

Dia Mundial contra o trabalho infantil



**WORLD DAY
AGAINST
CHILD LABOUR**
12 JUNE 2020

**G20 should take proactive
measures to abolish modern
slavery, human trafficking,
child labour and forced labour**



civil-20.org

  C20EG



Sustainable Economic Recovery on the G20 Platform

The Implications of COVID-19 on a Sustainable Economic Recovery Virtual Workshop | June 13, 2020

To explore the pandemic's complex economic, social, and environmental impacts through a sustainability lens and consider opportunities to develop and advance sustainable response and recovery efforts

 **With focus on the impacts viewed through the Circular Carbon Economy (CCE) in the following sectors:**

**Food**

**Industry**

**Mobility**

**Energy**

In order to

- ▶ **Advance** common G20 understanding of the COVID-19 pandemic's sustainability implications - including by engaging leading subject matter experts and G20 members in understanding the scope of the impacts of the present crisis, as well as considering components of sustainable economic responses
- ▶ **Facilitate** information-sharing and discussion of the pandemic's impacts on G20 members and, at a global level, on four key sectors: food, industry, mobility, and energy
- ▶ **Promote** experience-sharing from G20 members and invited countries around current and planned response and recovery efforts, and consideration of elements of sustainable economic recovery for different countries and varying national circumstances





The Circular Carbon Economy (CCE) Guide is a set of reports by selected International Organizations (IOs) on key technologies and innovations under the 4Rs (Reduce, Reuse, Recycle and Remove). The Guide will provide G20 Members with relevant information on opportunities that would help them optimize the CCE approach. The CCE is a holistic, integrated and inclusive approach that is expected to advance international efforts to achieving transition pathways for cleaner and more sustainable energy systems.

Focus



Reduce

Energy Efficiency;
Nuclear;
Non-Biomass
Renewables



Reuse

Carbon Capture and
Utilization (CCU)



Recycle

Bioenergy



Remove

Carbon Capture and
Storage (CCS)

Cross-cutting aspects

Hydrogen

Enabling Policies

Objectives

1 Support the creation of pathways to advance all technologies, innovations and energy sources that can be pursued according to each country's unique context while achieving sustainable development.

2 Capitalize on opportunities for Members and businesses to work together to accelerate technology innovation across all 4Rs.

3 Enhance collaboration among countries, think tanks, investors and innovators based on their competence and progress in advancing the 4Rs.

4 Provide a platform for Public and Private Partnerships to identify opportunities to advance the transition pathways to cleaner and more resilient sustainable systems.

15 de junho de 2020

Workshop da Força Tarefa T20: Recomendações políticas para um mundo pós-COVID-19

O primeiro dia do encontro foi aberto com palavras de autoridades da Arábia Saudita, que relevaram a resposta multilateral à COVID19, a doação de 500 milhões de USD pela Arábia Saudita, ao fundo de apoio global, conclamando todos os governos a apoiarem financeiramente futuras vacinas e terapêuticas para subsidiá-las como bens globais.

Esse primeiro dia, contou com a participação do Dr. Tedros Adhanom, Diretor da OMS, que sublinhou a ruptura econômica e dos sistemas de saúde causada pela pandemia, e disse que a única certeza que a OMS tem no momento é que a resposta para uma ameaça global só pode ser o trabalho conjunto, a resposta multilateral muito além do setor saúde. Chamou atenção para a importância dos sistemas de saúde e de uma vigilância ativa e do monitoramento da epidemia, chamou também atenção para possível ruptura na distribuição de uma futura vacina e para uma crise e insegurança alimentar no planeta, principalmente nos países mais pobres. Relatou as recentes parcerias feitas pela OMS para a aceleração da luta contra a COVID19: o pull tecnológico, as plataformas de parcerias na pesquisa e para a aquisição de equipamentos. Destacou entre algumas lições aprendidas a importância de ligações fortes entre parceiros. Quanto ao G20, disse esperar: 1) unidade dos membros, unidade dentro de cada país, solidariedade global e liderança, 2) financiamento para os sistemas de saúde nacionais e 3) mais investimento em saúde, para o meio ambiente e para a proteção social.

No primeiro dia do encontro houve dois painéis, um sobre “Saúde e pós-pandemia” e outro sobre “Outros setores e a pós pandemia”.

“Saúde e pós-pandemia”

Reem Al Bunyan (GT Saúde do G20); Michele Boccoz (Representante da OMS no G20), Maria Van Kerkhove (Técnica da OMS para o G20)

A Dra. Al Bunyan ressaltou a importância dos DSS que impactam na vida das pessoas e dos sistemas de saúde que respondam ao acesso e à equidade, elementos de alto valor para a saúde (high value), assim como da vigilância e da identificação dos casos. Disse que um possível normal demorará ainda um ano e que deverá dar importância para a saúde mental e para as inovações tecnológicas (novas maneiras de cuidado e uso da saúde digital).

A Dra. Boccoz chamou atenção para grandes diferenças tanto nos sistemas de saúde quanto nas respostas a COVID19 como um campo de trabalho conjunto da OMS com o G20. Ressaltou a importância dos dados e da troca de dados, da solidariedade e das inovações tecnológicas.

A Dra. Van Kerkhove disse que as respostas da OMS envolvem todos os escritórios regionais e nacionais e que apoiam pessoas e governos com uma enorme equipe multidisciplinar, pois que a saúde pública vai muito além do cuidado médico, pois foca nos meios de vida e atinge todos os setores. Que a resposta da OMS se faz por meio do sistema da ONU com setores públicos, privados, acadêmicos, instituições financeiras e grupos civis como os jovens e mulheres. Disse que é necessário apoiar os sistemas de saúde além da situação pandêmica, advogando que todos os países adotem essa política.

Nas discussões falou-se muito sobre acesso, equidade, novas tecnologias, trocas de experiências, lições aprendidas com outras epidemias (SARS, MERS-COVID, Ebola, Zika), dentre elas a resposta rápida, a investigação de contatos, capacidade de teste e a vigilância, assim como a importância do engajamento da população, subsidiada por boas políticas de informação e liderança política. Outra lição foi a necessidade de investimento na força de trabalho em saúde e da necessidade de não haver ruptura dos serviços de saúde regulares. Um ponto positivo nessa epidemia da COVID19 foi a rapidez com que o material de PCR e o genoma do vírus foram

compartilhados pelo mundo todo, em poucos dias. A epidemia também mostrou, além da necessidade de organização e planejamento nacionais, a importância da saúde para a economia, da imensa capacidade global de pesquisa e publicação (embora nem todos os estudos tenham bons graus de qualidade) e de se controlar possíveis ondas de pânico na população. Uma avaliação do que foi feito somente depois durante um estudo avaliativo pela OMS

O segundo painel, “**Outros setores e a pós pandemia**”, reuniu técnicos saudistas nas áreas de comércio e investimento, meio ambiente, educação e finanças que relevou a importância da resposta multisetorial na pandemia da COVID19, assim como a rápida flexibilidade que a organização saudista na presidência do G20/2020 teve para adaptar as agendas de trabalho, tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da maneira (virtual). Este painel falou sobre modernização, infra estrutura, plano de ação contra a COVID na África, a importância da resposta global do G20 para estabilização da economia injetando 3 trilhões de USD, que um retorno ao normal tomará tempo e que deverá levar em conta a tríade saúde/social/econômico, assim como de acordos com o setor privado.

16 de junho de 2020

O workshop do segundo dia foi destinado apenas para membros da Força-Tarefa do T20, para apresentarem seus “policy briefs” nas seguintes áreas: saúde, educação, clima e meio ambiente, economia e cadeias de abastecimento, multilateralismo e temas sociais.

Na área da saúde foi apresentado 4 propostas: 1) a significância da saúde como bem público global, 2) investindo nos sistemas universais de saúde no pós-COVID19, 3) saúde mental durante e após a pandemia e 4) construindo sistemas de saúde equitativos: lições da COVID19. A coordenação do segundo tema coube a mim, representando o CRIS-Fiocruz. Interessante observar a complementação dos quatro temas entre si, uma vez que sistemas de saúde devem ser vistos como direito humano, o que justifica sua categorização como bem global. Todos os trabalhos salientaram a necessidade de uma governança global coordenada e reconheceram o papel da OMS nesse ponto, embora sujeito inclusive a reformas estruturais. O tema da saúde mental demonstrou grande importância durante a pandemia e pede-se seu reconhecimento como fator relevante dos sistemas de saúde. Outro tema comum aos quatro foi a equidade, não somente na atenção, mas no abastecimento de materiais, vacinas e medicamentos, mas também no uso das novas tecnologias e na formação e remuneração dos trabalhadores da saúde. Foi recomendado ao G20 diversos fundos: de pesquisa, de emergências, de cooperação em saúde. Para tanto falou-se muito em coordenação e empoderamento de institutos de saúde mais fragilizados

Os trabalhos na área da educação discutiram sobre a questão do ensino a distância durante a pandemia, de como isso pode tornar uma tendência e os cuidados que se deve ter com a questão do acesso aos meios de comunicação digital e à telefonia. Outro tema foi a questão da educação global e de como construir uma resiliência em torno desse assunto numa abordagem mais abrangente que leve em conta o cuidado com a criança exposta a novas tecnologias. O grupo também enfatizou a multisetorialidade no que concerne a educação em relação à saúde e à economia. O G20 e os doadores da OCDE foram chamados a responder a um apoio mais efetivo tanto para a cooperação na recuperação dos sistemas educacionais.

A área do clima e do meio ambiente chamou atenção de como o G20 mobilizou rapidamente 3 trilhões de USD para a recuperação econômica e tem tanta dificuldade de alocar montantes desse vulto para a recuperação do meio ambiente, que os organismos deveriam investir mais nas pessoas em vez de combustíveis. Outro tema tratado foram os transportes sustentáveis com novas modalidades energéticas. Pediu-se retirada dos subsídios aos combustíveis fósseis, exclusão de tecnologias que dispendem altas emissões de carbono. Como resultado da pandemia foi o uso dos encontros digitais, plataformas interativas e do trabalho em casa, o

trabalho em casa economizaria combustível, diminuindo a poluição e daria mais tempo as pessoas. Outra sugestão foi a promoção de turismo que tenha alto valor em relação ao desenvolvimento humano e do meio ambiente.

A discussão do grupo voltado a economia e as cadeias de abastecimento falaram da importância de cadeias de valores globais e da integração do comércio global de maneira a torna-los mais robustos e resilientes. Falou-se também da importância de novas políticas monetárias que sejam mais voltadas a solidariedade, como por exemplo a emissão de bônus financeiros a serem pagos em 99 anos a juros de 0,01%, e pediram mais coordenação das ações e políticas monetárias. Também foram abordados os seguintes temas: 1) a importância da infraestrutura como mecanismo de desenvolvimento urbano e das cadeias de abastecimento, 2) as políticas fiscais para sustento do Estado e de valor agregado, 3) as novas tecnologias e 4) a questão dos trabalhadores migrantes.

No último grupo tratou-se da questão das comunidades resilientes, da importância da transparência e da prestação de contas de todos os setores socioeconômicos e da importância da participação da sociedade civil nos processos de desenvolvimento.

OCDE

A perspectiva global é altamente incerta

<http://www.oecd.org/economic-outlook/june-2020/>

OCDE e economias emergentes enfrentam recessão e incerteza

A economia global vive agora a recessão mais profunda desde a Grande Depressão na década de 1930, com declínios do PIB de mais de 20% e um aumento do desemprego em muitos países. Mesmo em países onde as medidas de contenção têm sido relativamente leves, os primeiros dados já estão deixando claro que os custos econômicos e sociais da pandemia serão grandes. As perspectivas de crescimento dependem de muitos fatores, incluindo a evolução da COVID-19, a duração de quaisquer desligamentos, o impacto na atividade e a implementação do apoio à política fiscal e monetária. A incerteza provavelmente prevalecerá por um longo período. Dada essa incerteza, dois cenários foram desenvolvidos para refletir sobre a possível evolução da economia global. No cenário de duplo impacto, supõe-se que as paralisações renovadas sejam implementadas antes do final de 2020, após outra onda do vírus COVID-19.

A pandemia COVID-19 é uma crise de saúde global sem precedentes na memória viva. Desencadeou a recessão econômica mais severa em quase um século e está causando enormes danos à saúde, emprego e bem-estar das pessoas.

A perspectiva se concentra em dois cenários igualmente prováveis – um em que uma segunda onda de infecções, com renovadas quarentenas, possa ocorrer antes do final de 2020, e outro em que um grande surto é evitado.

Cenário um: Uma segunda onda é evitada

A atividade econômica global cairia 6% em 2020 e o desemprego na OCDE sobe para 9,2% (5,4% em 2019). Os padrões de vida caem menos acentuadamente do que com uma segunda onda, mas cinco anos de crescimento da renda são perdidos em toda a economia até 2021.

Cenário dois: Uma segunda onda de infecções possa ocorrer antes do final do ano.

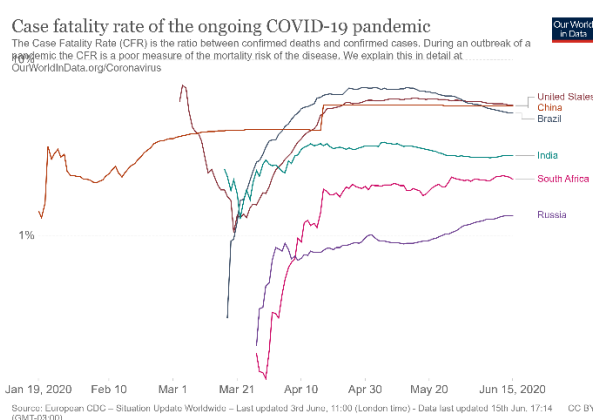
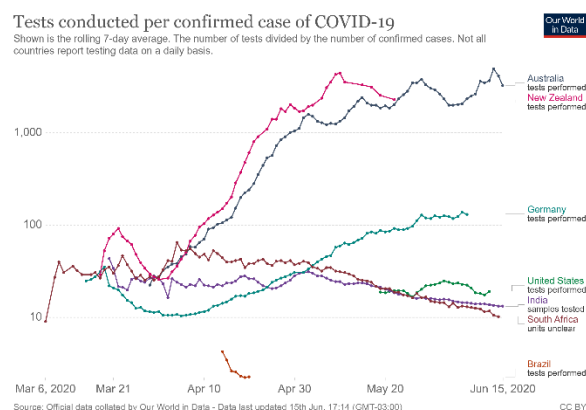
Um novo surto de infecções desencadeia novos retornos da quarentena. A produção econômica mundial despencaria 7,6% este ano, antes de subir 2,8% em 2021. A taxa de desemprego da OCDE quase dobraria para 10% com pouca recuperação dos empregos até 2021.

O que os governos podem fazer?

- 1) **Investir em saúde.** Fortalecer os sistemas de saúde e organizar o fornecimento de equipamentos médicos. Usar estratégias de teste, rastreamento, isolamento e distanciamento para limitar novos surtos do vírus. Garantir a cooperação global para desenvolver e distribuir uma vacina e tratamentos.
- 2) **Apoiar a transição.** Ajudar pessoas e empresas em setores de difícil sucesso a se mudarem para novas atividades, fortalecer a proteção da renda. Facilitar a rápida reestruturação firme e acelerar a digitalização. Manter o apoio da liquidez e estar preparado para uma nova turbulência financeira.
- 3) **Planejar a recuperação.** Construir cadeias de suprimentos mais resilientes com estoques maiores e mais diversificação de fontes. Manter as taxas de juros baixas e garantir que os gastos públicos e as políticas de tributação apoiem a atividade econômica. Investir nas finanças públicas para o bem-estar das pessoas, focar na justiça.

Resposta do BRICS à COVID-19

Claudia Hoirisch



- Dia 15/6, o presidente brasileiro conversou com Putin sobre uma cooperação bilateral mais profunda na luta contra a COVID-19 e a próxima cúpula do BRICS de 21-23 de julho. Em 27 de maio, o serviço de imprensa do Kremlin disse as novas datas para as cúpulas dependerão do desenvolvimento da situação epidemiológica nos países membros e em geral em todo o mundo.
- Os países do BRICS realizarão concurso interdisciplinar em junho para selecionar os melhores projetos de pesquisa em COVID-19 que busquem soluções nos campos da saúde, economia, ciências sociais e outras áreas da vida e atividades humanas para superar as consequências da pandemia. O instrumento para selecionar e financiar projetos científicos é o Programa-Quadro do BRICS no campo da C,T&I¹.
- No último momento o Brasil aderiu ao ACT da OMS.

¹ BRICS, 2020. BRICS STI FP. <http://brics-sti.org/>

Resposta da América Latina à COVID-19

Sebastián Tobar e Carlos Linger

Até o 15 de junho, temos mais de 3,7 milhões de casos registrados na Região das Américas, mais do que em qualquer outra região do mundo. Hoje, temos quase metade de todos os casos do COVID-19 (7,9 milhões a nível global)².

Com sistemas de saúde subfinanciados e, em alguns casos, à beira do colapso; baixo investimento em ciência e tecnologia; 104 milhões de pessoas que vivem em assentamentos populares; economia informal e insegurança no emprego, América Latina, a região mais desigual do mundo, enfrenta a pandemia sem os recursos dos países desenvolvidos, com muitas dificuldades para disfarçar suas múltiplas fraquezas e vulnerabilidades.

Infelizmente, muitas áreas estão relatando aumentos exponenciais no número de casos e mortes, e geram a preocupação com os dados que mostram que o vírus está aumentando em novos lugares, lugares que já tinham um número limitado dos mesmos.

Na Centro América, o número de casos está aumentando no México, Panamá e Costa Rica, onde estamos vendo um aumento da transmissão na fronteira com a Nicarágua.

Na América do Sul, o vírus continua a se espalhar fortemente no Brasil, Peru e Chile. Também estamos vendo que, na Venezuela, os casos agora estão se acumulando mais rapidamente do que em qualquer momento durante o surto naquele país.

No Caribe, os casos estão em ascensão no Haiti e, depois de mais de um mês sem um novo caso, o Suriname registrou um aumento na semana passada.

América Latina: Casos confirmados e óbitos até 8 de Junho de 2020

	País	Casos confirmados	Óbitos	Recuperados	População (em mil)
Norte América	Canadá	98.410	8.107	59.354	37.742
	Estados Unidos	2.057.838	115.112	556.355	328.000
	México	142.690	16.872	104.975	128.933
Total Norte América		2.298.938	140.091	720.684	494.675
Sul América	Argentina	30.295	819	9.564	45.196
	Bolívia	17.842	585	2.768	11.501
	Brasil	850.514	42.720	379.245	212.559
	Chile	174.293	3.323	143.704	19.116
	Colômbia	48.746	1.592	19.426	50.883
	Equador	46.751	3.896	23.064	17.643
	Paraguai	1.289	11	650	7.183
	Peru	225.132	6.498	11.724	32.972
	Uruguai	847	23	784	3.474
	Venezuela	2.904	24	715	28.436
Total Sul América		1.398.613	59.491	514.060	691.644
Centro América	Belize	21	2	16	398
	Costa Rica	1.662	12	743	5.094
	El Salvador	3.720	72	1.837	6.486
	Guatemala	9.491	367	1.904	17.916

² <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso 15 de junho.

	Honduras	8.455	310	894	9.905
	Nicarágua	1.655	55	953	6625
	Panamá	20.059	429	13.759	4.315
Total Centro América		45.063	1.247	20.006	37.742
Caribe e Islãs do Oceano Atlântico	Cuba	2.248	84	1.948	11.327
	Haiti	4.165	70	24	11.403
	República Dominicana	22.962	592	13.320	11.630
	Resto dos Países do Caribe Islãs y Territórios	9.549	273	2.260	10.901
Total Caribe e Islãs do Oceano Atlântico		38.924	1.019	17.552	45.261
TOTAL DE LA REGION DAS AMERICAS		3.781.538	202.848	1.449.885	

Fuente: <https://paho-covid19-response-who.hub.arcgis.com> Acesso 15 de Junho de 2020

Fatores climáticos podem afetar a resposta ao COVID-19 em nossa região. Na América do Sul, nossa resposta à pandemia será afetada pela chegada do inverno, enquanto a temporada de furacões complicará nossos esforços na América do Norte e Central, e especialmente no Caribe.

O inverno apresenta desafios para países com casos crescentes de COVID-19. Não temos dados que demonstrem que a temperatura ou a umidade influencia a propagação do COVID-19. Mas sabemos que o inverno alimenta infecções respiratórias, como gripe sazonal e pneumonia, que podem se espalhar rapidamente em climas mais frios e à medida que mais pessoas se reúnem em ambientes fechados para evitar baixas temperaturas.

Este é um problema para os pacientes porque as doenças respiratórias os deixam em maior risco de infecção grave por COVID-19. É também um desafio para os sistemas de saúde já sobrecarregados que terão de lidar com a dupla carga de uma pandemia de corona vírus e um aumento em outras doenças respiratórias. Não ajuda que sintomas semelhantes tornem o diagnóstico de COVID-19 ainda mais difícil.

À medida que os países fortalecem a vigilância do COVID-19, eles também devem monitorar simultaneamente os casos de influenza.

Os países do Caribe, América Central e as costas leste e sul dos Estados Unidos estão se preparando para o que pode ser uma das piores temporadas de furacões até hoje. O que é ainda menos precedente é a possibilidade de ter que responder a um furacão no meio de uma pandemia.

À medida que as tempestades varrem as cidades e comunidades, dizem os sistemas de saneamento, poluem o fornecimento de água e fraturam os serviços de saúde, três linhas essenciais para conter a propagação do COVID-19.

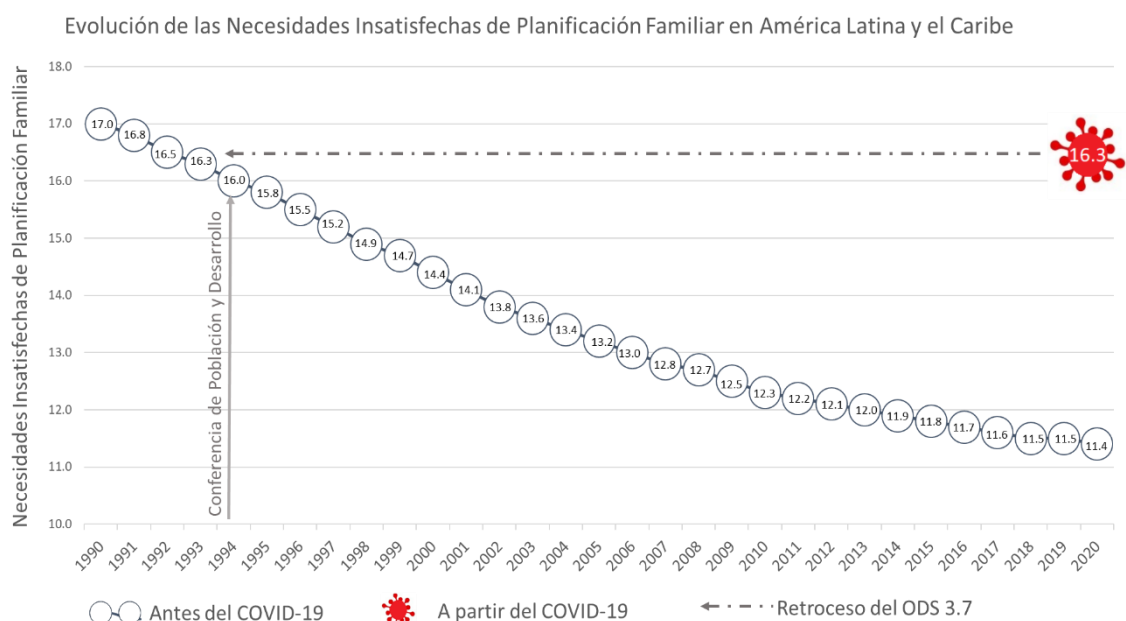
O Impacto da COVID19 sobre o Planejamento Familiar

Dentre os impactos que a pandemia vai ter sobre a população, podemos fazer menção do planejamento familiar. Algumas pesquisas sobre o impacto da pandemia do COVID19 examinam como ela afeta as necessidades não atendidas de planejamento familiar³ na América Latina e no

³ Considera o indicador de Necessidades não atendidas de planejamento familiar para contraceptivos modernos medidos em todas as mulheres entre 15 e 49 anos e não apenas em mulheres casadas ou casadas, porque na América Latina e no Caribe há uma proporção de mães solteiras. As informações utilizadas são do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. Divisão de

Caribe, elevando-as aos níveis registrados antes da Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento no Cairo.

Desde março de 2020, a pandemia afeta o acesso à contracepção na região de duas maneiras: porque afeta a prestação pública e porque afeta a capacidade das pessoas de adquirir métodos modernos em farmácias com recursos próprios. O UNFPA, com o apoio do ForoLAC, avaliou as duas interrupções, concluindo que 17 milhões de mulheres na região serão forçadas a interromper o uso de métodos contraceptivos. Destes, 13 milhões o farão porque terão dificuldades em obtê-los nos serviços públicos de saúde e 4 milhões devido à incapacidade de pagá-los em farmácias privadas⁴. Como resultado, após o COVID-19, o percentual de mulheres com Necessidades Não Planejadas de Planejamento Familiar⁵ diminuiu 27 anos, de 11,4% para 16,3%.



O Impacto da COVID19 económico e social

O COVID19 expôs as grandes desigualdades e desigualdades na região. Segundo o último relatório do Banco Mundial⁶, a economia latino-americana sofrerá mais com a depressão global em 2020. O Produto Interno Bruto (PIB) contrairá 7,2%, dois pontos percentuais acima da média

População. ESTIMATIVAS E PROJEÇÕES DOS INDICADORES DE PLANEJAMENTO FAMILIAR 2020. Disponível em:

https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/dataset/contraception/data/Table_Model-based_estimates_Regions_2020.xlsx#Main

⁴ UNFPA – LACRO (2020). Special report: The impact of COVID-19 on access to contraceptives in the LAC region. May.2020.

⁵ Considera o indicador de Necessidades não atendidas de planejamento familiar para contraceptivos modernos medidos em todas as mulheres entre 15 e 49 anos e não apenas em mulheres casadas ou casadas, porque na América Latina e no Caribe há uma proporção de mães solteiras. As informações utilizadas são do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. Divisão de População. ESTIMATIVAS E PROJEÇÕES DOS INDICADORES DE PLANEJAMENTO FAMILIAR 2020. Disponível em:

https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/dataset/contraception/data/Table_Model-based_estimates_Regions_2020.xlsx#Main

⁶ <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2020/06/08/covid-19-to-plunge-global-economy-into-worst-recession-since-world-war-ii>

global e o preço de matérias-primas - petróleo, soja, cobre - sofrerá a "maior queda na história recente". Excluindo o México, 70% das exportações latino-americanas são bens primários. À queda no valor das commodities também é adicionada a contração do comércio internacional, que varia entre 13 e 32%, segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC).

A CEPAL mostrou como a pandemia do COVID19 tem resultados diferentes, dependendo do grupo social ao qual pertence e de sua capacidade de responder. A comissão estimou mais de 11,6 milhões de novos desempregados e 214 milhões de pobres como impacto do COVID19, observando que Argentina, Brasil, Nicarágua e México são os países em que mais crescerá. Nesse sentido, um grande desafio na região vai ser resolver o resolver a questão da saúde de maneira equilibrada com a situação socioeconômica ”.

Pelo menos 1,5 milhão de pessoas foram infectadas e 79.000 morreram de corona vírus na América Latina e no Caribe, segundo o último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esses números podem se multiplicar se a subnotificação for confirmada em algumas áreas da região. Como já foi dito, a situação é complicada por aspectos relacionados ao clima (influenza sazonal e furacões), o que nos permite afirmar que os países ainda não estão no auge de infecções, diferentemente da Ásia e da Europa.

Os casos da Covid-19 na América Latina explodiram quando o vírus chegou a bairros vulneráveis, “villas miserias”, “favelas”, e bairros pobres⁷ e isso não é por acaso. A densidade populacional e a falta de urbanização e saneamento são um terreno fértil para o corona vírus, embora não apenas para ele. As desigualdades potenciam a possibilidade de propagação de doenças.

As condições de vida destas mas de 104 milhões de pessoas que vivem na região em bairros vulneráveis, “villas miserias”, “favelas”, e bairros pobres fez muito difícil o cumprimento das medidas de isolamento o distanciamento social, única tecnologia que temos para a contenção da COVID19.

Impacto da Covid19 nas fronteiras

A OPAS tem alertado para o risco do aumento de transmissões da covid19 nas cidades fronteiriças da região, donde há condições mínimas de saúde e intenso movimento de pessoas. Brasil, onde os casos ultrapassam os 850 mil tem transmissão nos estados do norte do país que fazem fronteira com a Guiana Francesa e o Suriname, na região amazônica, onde há fronteiras com Venezuela e Colômbia e na tríplice fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil.

O crescimento dos casos no país e em particular na tríplice fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil, tem levado a que o Ministro de Saúde de Colômbia assinale que “Brasil é uma Bomba relógio constituindo uma ameaça para si mesmo e para seus vizinhos”.

Também observa-se um aumento da transmissão com tendência ascendente no norte de Costa Rica na fronteira com Nicarágua. No caso da Guiana Francesa tem passado em um mês de 140 casos a 1.326, período que coincide com o aumento da transmissão através da fronteira com Amapá no Brasil, e aumento do número de casos em Suriname.

A Diretora da OPAS⁸ assinala que as cidades fronteiriças são áreas donde moram grupos vulneráveis como as populações indígenas e remotas e migrantes em procura de oportunidades

⁷ A América Latina é a região mais urbanizada e desigual do mundo, onde 104 milhões de pessoas vivem em assentamentos populares. Aqui, 1 em cada 4 habitantes das áreas urbanas, vive em uma favela, vila, favela ou acampamento, em situação de pobreza. Embora não sejam invisíveis, essas populações devem subsistir por conta própria, com a constante violação de seus direitos e o teste exaustivo de sua resiliência. <https://www.techo.org/plataforma-asentamientos/> Acesso: 15 de junho de 2020.

⁸ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/16/coronavirus-opas-cita-brasil->

e com pouco acesso à saúde. A OPAS chama a cooperação e o trabalho conjunto dos países para fortalecer a resposta da saúde

Impacto da Covid19 na Diplomacia

A pandemia da covid-19 está acelerando as transformações que já estavam em andamento na política mundial nas últimas décadas, como o declínio da hegemonia dos EUA e a ascensão da China como potência global

A falta de integração regional agrava ainda mais a situação crítica; e o impacto na região da disputa geopolítica, comercial e tecnológica entre os Estados Unidos e a China; elas são as principais ameaças a um continente fraturado. A falta de integração e coordenação aumenta o crescimento desses problemas, não apenas porque muitos deles são regionais e não podem ser abordados nacionalmente, mas também porque uma variável externa da região deve ser considerada, que é a necessidade de poder articular uma voz comum em alguns dos problemas globais que surgirão após a crise dos corona vírus.

A região perdeu seu status de ator e está mais exposta a ser hoje uma arena de disputas entre os Estados Unidos e a China, afetando as organizações multilaterais globais e regionais, em um contexto de deterioração e paralisia da arquitetura multilateral global, especialmente a Sistema das Nações Unidas. Portanto, é necessário pensar em como reinventar o multilateralismo.

A ordem internacional está em plena reconfiguração, enquanto a comunidade internacional enfrenta realidades marcadas pela grave emergência humanitária, econômica e social gerada pela pandemia.

As consequências da pandemia já apontam para um dramático aumento global da desigualdade e da pobreza que impõe respostas coletivas com um impulso político, acompanhado por uma injeção substancial de recursos para fortalecer a capacidade de fornecer bens públicos em todo o planeta. Essas ações dependem de um grande esforço para revitalizar o multilateralismo e a cooperação internacional.

Como é possível observar para a América Latina, as previsões da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Eclac) para o impacto da pandemia são uma contração da economia regional entre 3% e 4%. Entre os efeitos dessas e de outras previsões, destaca-se a provável implosão da Agenda 2030, cujos objetivos de desenvolvimento sustentável serão ainda mais difíceis de alcançar.

Embora a Região tenha se tornado o epicentro da pandemia, será necessária cooperação e ajuda financeira multilateral para superar a queda de seu PIB e o aumento acentuado da pobreza.

A OMS sofre as consequências do confronto entre os EUA e a China, o que afeta suas condições financeiras e compromete a autonomia de suas deliberações. Alguns indicadores desse confronto são vistos em relação à participação de Taiwan como observador na Assembleia Mundial da Saúde, solicitações de auditoria por seu trabalho no contexto da pandemia ou o problema tradicional com fundos extra-orçamentários do capitalismo filantrópico direcionado a prioridades orientadas para os doadores e não para os estados membros.

[e-alerta-para-aumento-de-casos-em-fronteiras.htm](#). Acesso: 16 de junho de 2020

Da mesma forma, como a mais alta autoridade normativa do setor, enfrentou disputas por espaços de poder com o Banco Mundial com maior capacidade de modelar agendas e programas de saúde em nível global em virtude de muitos países, são dependentes de seu financiamento.

A região das Américas recebe 109 milhões de dólares para o Orçamento 2020-2021⁹ e com a saída dos Estados Unidos e retirada de suas contribuições vai receber ainda menos em um cenário donde virou o epicentro da pandemia e que vai ter um alto impacto económico com a queda do PBI, social com aumento da pobreza e desemprego e sanitário com incremento de muitas doenças pela determinação dos anteriores.

No âmbito da Pandemia, a China promove a chamada "diplomacia das máscaras" que incentiva o envio de máscaras e recursos de diagnóstico e teste para diferentes países, incluindo a América Latina. As primeiras iniciativas bilaterais de ajuda humanitária vieram do governo chinês e das empresas digitais privadas Alibaba e Tencent. Isso resultou na troca de especialistas, vendas e doações de suprimentos médicos para Argentina, Brasil, Uruguai, Bolívia, México, Costa Rica, Nicarágua, Panamá, Venezuela, Equador, Peru, Chile, Panamá e até Guatemala, apesar de sua links com Taiwan.

Diante dos avanços da China na região, os EUA direcionaram sua diplomacia humanitária para objetivos estratégicos previamente definidos, como a Colômbia, bem como o envio de uma força militar naval para combater o narcotráfico no Caribe, perto das águas da Venezuela. , reacendeu a ameaça militar ao regime de Nicolás Maduro.

As respostas das iniciativas de integração na América Central e no Caribe destacaram-se da diplomacia sub-regional, com demonstrações de preparação e coordenação intrarregional. Experiências anteriores de ação coletiva em emergências humanitárias e gestão de riscos em desastres naturais são favoráveis. O Sistema de Integração Centro-Americano (SICA) contou com a cooperação do Japão, Suíça, Taiwan e países da UE para criar uma causa comum na luta contra a pandemia. Os planos de contingência foram ativados em conjunto para testes, compras públicas e melhorias de capacidade, intercâmbio de informações e coordenação de políticas, bem como um Centro Regional de Logística para Assistência Humanitária (CLARH). Enquanto isso, na Comunidade do Caribe (Caricom), a Agência de Saúde Pública do Caribe (CARPHA) capitaneou as iniciativas, com experiência anterior em vigilância de epidemias.

No nível da Comunidade dos Estados da América Latina e do Caribe, CELAC, foi tentado um renascimento na luta contra o COVID19 com a criação de uma rede de virologistas, a primeira reunião de alto nível, convocada em meados de março pela Presidência pro tempore do México, contou com a participação da OPAS, CEPAL, Secretária-geral Ibero-Americana (SEGIB), CARICOM, Sistema Econômico da América Latina e Caribe (SELA), Organização dos Estados do Caribe Oriental e Comissão Nacional de Saúde de China¹⁰

Um outro organismo regional que vem analisando o impacto da COVID19 na região é a **Comissão Económica para América Latina e o Caribe CEPAL**, que tem lançado seu observatório da

⁹ O Orçamento da WHO para diferentes regiões é de 1.384 milhões correspondentes a África 470; as Américas 109; Ásia Sul oriental 1249; Europa 75; Mediterrâneo Oriental 210 e Pacífico Ocidental 157. Ver: 72.a ASAMBLEA MUNDIAL DE LA SALUD A72/4 Punto 11.1 del orden del día provisional 10 de mayo de 2019. Anteproyecto do Orcamento por Programa 2020-2021. Disponível em: https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA72/A72_4-sp.pdf. Acesso: 16 de Junho de 2020.

¹⁰ Efraín Guadarrama Pérez y Helietta González Hernández: «Celac: la unidad regional ante la crisis del covid-19» en Foreign Affairs Latinoamérica, 16/4/2020. Disponível em: <http://revistafal.com/celac-la-unidad-regional-ante-la-crisis-del-covid-19/> acesso: 16 de junho de 2020.

COVID19¹¹ assim como muitos relatórios¹². Uma proposta da A CEPAL é uma renda básica de emergência (EBI) equivalente a uma linha de pobreza (US \$ 140 por mês) por seis meses, que será fornecida a todas as pessoas que vivem na pobreza em 2020. Isso custará 2,1% do PIB da região, que representa o serviço da dívida externa (juros), ou seja, quase um terço do que a região perde em receita tributária por evasão fiscal.

O Escritório das Nações Unidas de Serviço para Projetos (UNOPS) tem o **Observatório Regional de Preços de Medicamentos**, com o propósito de promover a transparência e a inclusão, a publicidade proativa, aberta e acessível a informações sobre a pandemia da COVID-19 e as respectivas políticas básicas, incluindo as que se relacionam com as compras públicas de insumos médicos e medicamentos. Trata-se de uma plataforma digital que apresenta os preços dos medicamentos adquiridos em compras públicas de 18 países da região com 22 referências, como também as compras realizadas pelo UNOPS.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) ativou um fundo de 12.000 milhões de dólares¹³ para recursos financeiros e técnicos disponibilizados a seus países membros, mutuários e empresas para lidar com a crise desencadeada pelo corona vírus causador da doença COVID-19 serão direcionados para quatro áreas: 1) Resposta imediata à saúde pública. Apoio à capacidade de preparação e resposta à saúde, com recursos para conter a transmissão do vírus e mitigar seu impacto, fortalecendo os sistemas públicos de saúde e adquirindo suprimentos e equipamentos; 2) Redes de segurança para populações vulneráveis. Medidas para proteger a renda das populações mais afetadas por meio de programas de transferência existentes, pensões não contributivas e subsídios. Outras medidas incluem transferências extraordinárias para trabalhadores do setor informal e apoio a empresas formais em setores especialmente afetados pela crise, como o turismo; 3) Produtividade econômica e emprego. Para as PME, que representam 70% do emprego na região, programas de financiamento e garantias de liquidez de curto prazo, comércio exterior, reestruturação de empréstimos e apoio a cadeias estratégicas de suprimentos; e 3) políticas fiscais para aliviar os impactos econômicos. Apoio aos países na elaboração e implementação de medidas fiscais para financiar a resposta à crise; planos de continuidade para execução de despesas e aquisições públicas; e medidas para apoiar a recuperação econômica.

O Banco Centro-Americano de Integração Econômica (CABEI) lançou o **Programa de Suporte e Preparação para Emergências do COVID-19 e sua reativação econômica**¹⁴, cujo objetivo responde aos esforços de prevenção e contenção da emergência sanitária enfrentada pelos países membros do Banco. Além de implementar ações de curto e médio prazo, com o objetivo de fortalecer a economia regional.

Como pode se observar, Sul América por suas diferenças ideológicas e políticas fica um pouco mais enfraquecido em quanto a diplomacia regional. No âmbito do MERCOSUL, no próximo dia 18 vai se reunir os Ministros de Saúde e dentro da pauta da reunião vão abordar uma declaração para promover o acesso a Vacina e Medicamentos para a COVID19 e abordaram projetos vinculados a criação de albergues de migrantes nas fronteiras e guias para a reativação do futebol nos Estados parte.

¹¹ CEPAL. Observatório da Covid19. Disponível em <https://www.cepal.org/es/temas/covid-19> Acesso 16 de junho de 2020.

¹² <https://www.cepal.org/es/publicaciones/informesCOVID19> Acesso 16 de junho de 2020

¹³ <https://www.iadb.org/es/noticias/grupo-bid-anuncia-areas-prioritarias-de-su-apoyo-paises-afectados-por-el-covid-19> acesso 16 de junho de 2020.

¹⁴ <https://www.bcie.org/bcie-ante-covid-19> acesso 16 de junho de 2020.

A COMISSÃO ECONÔMICA DA ONU PARA ÁFRICA¹⁵

As consequências da Covid-19: um diálogo político para reedificar de forma mais sólida com a juventude africana

Para um continente com mais de 1,2 bilhões de pessoas, as taxas de infecção e mortalidade por coronavírus são notavelmente baixas na África, mas a pandemia da COVID-19 está causando impactos econômicos negativos maciços que serão sentidos por muitos anos. O continente provavelmente será ainda mais afetado pelas consequências humanas, sociais e econômicas da pandemia, sendo as pessoas vulneráveis e marginalizadas, especialmente mulheres e jovens, as mais afetadas, já que a pandemia ameaça reverter ganhos econômicos e sociais duramente conquistados. Os países africanos estão a implementar uma resposta com duas vertentes, centrada em medidas imediatas de saúde e sociais e na recuperação econômica, à medida que prosseguem as discussões entre os decisores políticos sobre a reconstrução de economias africanas mais fortes e de tecidos sociais.

Num esforço para trazer os jovens africanos para a conversa, a **Comissão Económica para África (ECA)**, em parceria com a **Comissão da União Africana (CUA)** e o **UNICEF-GenU** (Generation Unlimited¹⁶), organizou um diálogo virtual sobre **política de juventude** sobre o tema: **"Reconstruir melhor com a Juventude Africana"**. *"A voz, a ação e a contribuição dos jovens são essenciais para construir a narrativa de uma reconstrução mais robusta das paisagens económicas e sociais de África"*, afirmam as três instituições na nota conceptual sobre esse diálogo, acrescentando que é também crucial abordar a fragilidade generalizada dos sistemas de saúde e educação dos países e a sua dependência dos recursos naturais e minerais, a instabilidade macroeconómica, o aumento da vulnerabilidade da dívida pública e outros.

"A nova narrativa sobre a questão da reconstrução das economias africanas mais solidamente deve ser apoiada por um compromisso e ação renovados dos países para acelerar o ritmo e o caminho da inovação e da industrialização com mulheres e homens jovens capacitados como atores e agentes de mudança fundamentais. Tal mudança de paradigma permitiria à África libertar o potencial significativo dos jovens e aproveitar o seu dividendo demográfico".

Os principais objetivos do diálogo foram:

- fazer um balanço do impacto da pandemia da COVID-19 nos jovens africanos;
- consolidar as preocupações, conversas e contribuições dos jovens africanos na resposta à COVID-19 e na questão da construção de economias africanas mais fortes;
- proporcionar uma plataforma para ouvir as vozes, ideias e histórias dos jovens sobre a resposta do Sector da Juventude da União Africana à crise.

O encontro destacou os desafios específicos que a juventude africana enfrenta face à pandemia e às suas medidas de mitigação; apresentou os esforços da juventude para responder aos

¹⁵ <https://www.uneca.org/fr/stories/les-cons%C3%A9quences-du-covid-19-un-dialogue-politique-pour-reb%C3%A2tir-plus-solide-avec-la-jeunesse>

¹⁶ <https://www.generationunlimited.org/>

diferentes aspectos da realidade atual da pandemia e abordou os temas da educação, inovação, emprego, saúde e envolvimento cívico e comunitário significativo, entre outros. Foram também destacados as questões-chave e os grandes desafios na reedificação de uma juventude mais forte e o seu papel a este respeito. Será produzido um documento final com recomendações aos governos. Será alimentado pelo Comité Técnico Especializado de Ministros da Juventude, Cultura e Desporto da União Africana, a realizar no dia 17 de junho de 2020.

ATIVIDADES DE RESPOSTA DA OMS/AFRO¹⁷

Desde que o vírus foi detectado pela primeira vez no continente, em meados de fevereiro de 2020, muitos países tomaram rapidamente decisões difíceis e puseram em prática medidas essenciais de contenção e de saúde pública, tais como a promoção do distanciamento físico, uma boa higiene das mãos e a realização de testes, o rastreio do contacto de pessoas com a COVID-19 e o isolamento dos casos. Com o apoio da OMS/AFRO e de outros parceiros, os governos também avançaram rapidamente para fortalecer a capacidade dos profissionais de saúde e dos laboratórios para o rastreio nos pontos de entrada nos aeroportos e nos postos de fronteira. Estas medidas de saúde pública e sociais contribuíram para abrandar a propagação da COVID-19 em África.

Não obstante tudo o que foi implementado desde o início da pandemia, a COVID-19 continua a propagar-se em África. Foram confirmados mais de 200.000 casos até 11 de junho, com 5.600 mortes. A pandemia está a acelerar: foram necessários 98 dias para atingir 100.000 casos e apenas 19 dias para aumentar para 200.000 casos.

Dez dos 54 países são os principais motores do aumento do número de casos, representando quase 80% de todos os casos. Mais de 70 por cento das mortes ocorrem em apenas cinco países: Argélia, Egito, Nigéria, África do Sul e Sudão.

A África do Sul é a mais afetada, representando 25% do número total de casos no continente, com as províncias do Cabo Ocidental e do Cabo Oriental a registarem diariamente um elevado número de casos e mortes.

Mais de metade dos países do continente estão a passar pela transmissão comunitária da COVID-19. Em muitos casos, esta transmissão está concentrada nas capitais, mas os casos continuam a alastrar ao interior.

*"Neste momento, a África ainda representa apenas uma pequena fracção dos casos globais", afirmou a **Dr.ª Matshidiso Moeti**, Diretora Regional para África da Organização Mundial de Saúde (OMS). "Mas a taxa de propagação está a acelerar. A ação rápida e precoce dos países africanos ajudou a manter os números baixos, mas é necessária uma vigilância contínua para evitar que a COVID-19 se sobreponha à capacidade dos serviços de saúde. »*

E nas últimas semanas, os países começaram a flexibilizar as medidas de contenção, a fim de retomar certas atividades económicas e sociais. Estes encerramentos têm tido um custo socioeconómico considerável.

¹⁷ <http://whotogo-whoafroccmaster.newsweaver.com/JournalEnglishNewsletter/pug0zuaicr4qwjwzfk7hf?lang=en&a=6&p=57212812&t=31103673>

ATIVIDADES DE RESPOSTA DO CDC ÁFRICA

Já está disponível em língua portuguesa, o **Boletim de Informação #21: Pandemia da Doença do Coronavírus 2019 (COVID-19)** do CDC África que pode ser acessado neste link¹⁸.

Igualmente, **COVID-19 Scientific and Public Health Policy Update** (de 9 de junho) está disponível para consulta neste link¹⁹.

Uma nova parceria com CICV – Comitê Internacional da Cruz Vermelha

- O CDC África realizou um webinar com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha Internacional (CICV) visando focar na COVID-19 nas prisões.

Manejo de casos (Case Management)

- Realização de um webinar da Comunidade de Prática Clínica “Centros de Operações de Emergência em Saúde Pública (PHEOCs -Public Health Emergency Operation Centers) e gestão da COVID-19”, contando com 100 participantes de 20 Estados-Membros.

Controle e prevenção da infecção (Infection Prevention and Control - IPC)

- Em colaboração com o *Infection Control Africa Network* (ICAN), começou a segunda coorte da série de seminários online do IPC COVID-19, com mais de 400 participantes em inglês e francês.
- A próxima edição da série online do IPIC será sobre a “*higiene ambiental e de equipamentos e gestão de resíduos*” em inglês e francês.

Laboratório (Laboratory)

- Foram distribuídos 625.000 testes de PCR para 51 Estados-Membros e 6.600 cartuchos GeneXpert adicionais para os três Estados-Membros com capacidade limitada ou inexistente para o teste de PCR.
- Também foi concluída a distribuição de **equipamentos e reagentes de genômica de patógenos** (exceto para o Egito).

Vigilância (Surveillance)

- Realizados os webinars de vigilância em inglês e francês sobre “*Introdução à vigilância rápida da mortalidade para conscientização e resposta à COVID-19*”. Ainda não são conhecidos quantos participantes tomaram parte nessas duas sessões.

Ciências, Normas e Regulações

- O CDC África realizou a primeira série de seminários online sobre a “*A Gestão do Conhecimento*”, analisando os efeitos dos confinamentos e estratégias para suspender

¹⁸ https://au.int/sites/default/files/documents/38653-doc-africacdc_covidbrief_9june20_pt.pdf

¹⁹ https://au.int/sites/default/files/documents/38655-doc-09062020_covid-19_scientific_and_public_health_policy_update_cleared.pdf

as restrições no continente africano. As discussões estão disponíveis no Youtube neste link²⁰

- A atualização semanal de **Políticas Científicas e de Saúde Pública da COVID-19** pode ser acessada neste link: <https://africacdc.org/resources/> . E todas as terças-feiras publicam-se as atualizações.

Comunicação de Risco (Risk Communication)

- As conferências de imprensa semanais de atualização continental com o Diretor do CDC África. São realizadas todas as quintas-feiras (4 e 11 de junho).
- Estão em curso as campanhas nas plataformas de comunicação social em colaboração com o **Facebook** e **One by One**, para aumentar a conscientização sobre a higiene das mãos, higiene respiratória e testes, além de combater os mitos e boatos da COVID-19.

Merece ser sublinhada a constatação de que até agora não tenha sido possível realizar ações de formação ou de capacitação dos profissionais de saúde em língua portuguesa para os oriundos de Estados-Membros dos PALOP. Até agora, duas ações de formação em língua portuguesa foram realizadas no âmbito da iniciativa da Organização Oeste Africana da Saúde da CEDEAO (OOAS/CEDEAO).

A ser verdade, começa a abrir-se o fosso no acesso à informação e ao conhecimento entre os Estados-Membros da União Africana determinado pela preferência hegemônica dos idiomas inglês e francês, relegando eventualmente para as calendas gregas o português e o espanhol. Tendo em consideração que a maioria dos profissionais dos PALOP não são fluentes em inglês nem em francês, é de esperar que o CDC África venha a tomar medidas atinentes a diminuir a exclusão dos PALOP.

²⁰ <https://youtu.be/AWfPRf2HgA4>

Resposta da Europa à COVID-19

Ana Helena, Leticia, Ilka Vilardo

A Comissão Europeia recomendou que no dia 1 de julho seja feita a reabertura das fronteiras externas entre os Estados-membros da União Europeia, com os países vizinhos do bloco e pessoas vindas de outros continentes por via aérea²¹. O principal critério que será utilizado será o quadro epidemiológico com relação aos casos confirmados da COVID-19. A Comissão vai elaborar uma lista de países cuja situação de saúde não aponta para um controle do vírus. Entre os parâmetros para decidir qual país poderá ter viagens irrestritas à UE, estão o número de novas infecções diárias, o crescimento da curva epidemiológica e a resposta ao coronavírus, como a testagem, rastreamento de contatos, vigilância, tratamento e habilidade dos aeroportos em seguirem protocolos de segurança. Para isso, a Comissão propõe que todos os estados-membros participem ativamente da análise das restrições a determinados países, que podem se estender caso não haja consenso de que é seguro liberar as fronteiras. Ao que tudo indica, brasileiros serão impedidos de entrar na Europa enquanto a epidemia não for controlada²².

Internamente, o objetivo é que se restabeleça a livre circulação no espaço Schengen²³ (que inclui três países de fora do bloco e quatro países associados). Apesar da recomendação da Comissão Europeia, cada país adota seu fluxo de retomada de abertura, assim como as regras para a dispensa da quarentena. A Espanha reabre fronteiras com países da UE em 21 de junho, exceto com Portugal que manifestou surpresa e desconforto com a decisão unilateral. A obrigação de quarentena para viajantes que entram na Espanha vai acabar. A Grécia vai aceitar a entrada sem restrições de turistas partindo de destinos presentes em uma lista oficial. A Áustria removeu a necessidade de quarentena para todos os oito países vizinhos, com exceção da Itália. Já a Alemanha e Holanda anunciaram que vão retirar restrições a visitantes dos 27 países da União Europeia, mas o governo holandês excluiu a Suécia desse grupo.

Na Itália, país europeu emblemático nos casos de coronavírus, eventos e competições esportivas sem a presença de público, além de apresentações abertas ao público como teatro, salas de concerto, cinemas e outros espaços ao ar livre, tomando as devidas precauções, serão retomados a partir do dia 15 de junho²⁴.

No dia 11 de junho, a revista The Lancet publicou um artigo intitulado “As mortes por COVID-19 na Europa chegaram ao platô devido à imunidade em massa (imunidade de rebanho)?” (tradução livre)²⁵. Segundo o artigo, a transmissão da COVID-19 em muitos países da Europa está em acentuado declínio e existem duas possíveis explicações para esse fato. O primeiro seria as decisões tomadas pela ordem pública (lockdown, proibição de reuniões públicas com mais de dez pessoas, toque de recolher, bloqueios, distanciamento social), o que implicaria que a epidemia ainda esteja em um estágio inicial e que qualquer mudança nessas decisões provocaria

21 <https://pt.euronews.com/2020/06/11/bruxelas-sugere-abrir-fronteira-externa-da-ue-a-1-de-julho>

22 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/europa-vai-barrar-a-entrada-de-brasileiros-enquanto-pandemia-nao-estiver-controlada.shtml>

²³ O Acordo de Schengen se refere a uma convenção de livre circulação de pessoas e abertura de fronteiras entre os países europeus signatários. Quase todos os integrantes da União Europeia fazem parte do Acordo, com exceção da Bulgária, Romênia, Chipre e Croácia. Irlanda, Islândia, Noruega, Liechtenstein e Suíça, apesar de não fazerem parte da União Europeia, fazem parte do Acordo de Schengen. Na prática, é como se os países do Acordo fizessem parte de um único país e as viagens entre eles fossem consideradas domésticas e não internacionais.

24

http://www.salute.gov.it/portale/news/p3_2_1_1_1.jsp?lingua=italiano&menu=notizie&p=dal_ministero&id=4887

25 [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31357-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31357-X/fulltext)

um alto risco de transmissão renovada. Essa primeira explicação toma a população como suscetível a essa nova onda de transmissão. A segunda explicação seria uma conquista de imunidade em massa, o que implicaria que uma grande proporção da população está agora protegida contra infecções, seja porque adquiriram imunidade após infecção anterior ou por meios naturais. Se esse for o cenário atual, é esperado que haja um declínio no número de casos e de mortes, mesmo na ausência de intervenções governamentais/comportamentais. O artigo analisa dados epidemiológicos e de soroprevalência nos países europeus e conclui que o argumento da imunidade está em desacordo com os dados de mortalidade e soroprevalência, enquanto o argumento da intervenção traz uma explicação mais cautelosa sobre o fato.

Um estudo do Imperial College London está em alinhamento com a publicação feita pelo Lancet. Segundo eles, o número de mortos teria sido demasiado elevado se não tivesse havido um bloqueio²⁶. O estudo levou em consideração 11 países europeus e destaca que três milhões de vida foram salvas da doença.

No dia 12 de junho, o Ministro britânico das Finanças, Michael Gove, informou formalmente à União Europeia que o Reino Unido irá retomar o controle e reconquistar a sua independência econômica e política no dia 01 de janeiro de 2021, não mais prolongando o período de transição. Em paralelo, prosseguem as negociações para um acordo que regule as relações entre as partes.

A semana começou no domingo, dia 14 de junho, com a declaração do presidente francês Emmanuel Macron, repercutida no Jornal O Globo, clamando por uma Europa “forte, unida e soberana”, mais independente dos Estados Unidos e da China e defendendo a construção de um “novo e mais forte modelo econômico”. Para ele, o acordo econômico firmado entre Paris e Berlim no fim de maio foi um “ponto de virada” na resposta à crise. Segundo a matéria, o pacto firmado abriu caminho para o fundo de reconstrução europeu de 750 bilhões de euros anunciado pela Comissão Europeia no fim de março. Essa mesma semana terminará na sexta 19, com a reunião do Conselho Europeu para deliberar sobre a proposta apresentada pela Comissão, relativa a um fundo de recuperação e ao orçamento de longo prazo da UE, o Quadro Financeiro Plurianual (2021-2027).

Macron declara: Estamos em um estágio sem precedentes de nossa ventura europeia e da consolidação de uma Europa independente que deve afirmar sua identidade, sua cultura e sua singularidade em relação à China, aos Estados Unidos e à desordem mundial que conhecemos. No dia 1º de julho a Alemanha assume a presidência do Conselho Europeu.

Acordo UE - Mercosul

Ainda no início do mês de junho, a maior parte dos deputados do parlamento holandês aprovou uma moção contra a ratificação do acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia²⁷. Isso se deve a questões ambientais, relacionadas à agricultura no Mercosul, mais especificamente com a política ambiental adotada pelo presidente Jair Bolsonaro para a Amazônia e o seu relaxamento com o desmatamento da região, mas também com a questão dos povos indígenas e do (des)respeito aos direitos humanos. Depois de mais de 20 anos de negociações, o acordo de livre comércio entre os blocos foi assinado há quase um ano, porém ainda não foi ratificado. O parlamento holandês pede ao governo que se oponha ao tratado nas instâncias européias. Essa semana, no entanto, o governo brasileiro anunciou que irá procurar os congressistas holandeses a fim de convencê-los a voltar atrás²⁸. O mesmo deve ser feito com os países que

26 https://www.bbc.com/news/health-52968523?utm_source=meio&utm_medium=email

27 <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/06/parlamento-holandese-rejeita-acordo-ue-mercossul-senadores-comentam>

28 <https://oglobo.globo.com/economia/governo-brasileiro-tentara-convencer-europeus-aprovarem-acordo-de-livre-comercio-entre-mercossul-uniao-europeia-24472719>

deram algum sinal de que também se oporiam ao que foi negociado, como a França, a Bélgica e Luxemburgo.

Para que um acordo comercial passe a valer na União Europeia, precisa passar por várias etapas. A Comissão Europeia funciona como poder executivo do bloco e tem mandato para escrever regulamentos comuns e negociar tratados comerciais. Concluídas as negociações, um documento propositivo do acordo é redigido, traduzido para todas as línguas dos países signatários e submetido à revisão legal nos dois blocos antes de ser assinado. O acordo entre Mercosul e UE está nesta fase da revisão legal.

Depois de aprovado e assinado, o acordo precisa ser ratificado pelas partes. No âmbito da União Europeia, gera-se uma proposta oficial de acordo comercial, que precisa ser aprovada por agentes políticos em três níveis (sendo que já há oposição explícita ao tratado em todos os níveis no lado europeu): primeiro tem que ter unanimidade no Conselho Europeu (órgão que reúne os líderes dos 27 países membros); depois maioria no Parlamento Europeu (705 euro-deputados formam o Legislativo da UE); para finalmente ser aprovado nos parlamentos nacionais e regionais (no caso de federações, como a Bélgica). Se for reprovado em qualquer uma dessas instâncias, ele volta à estaca zero.

Além das manifestações holandesas, o governo da Áustria também declarou oposição ao acordo, o que impediria a unanimidade no Conselho. No mês passado, ministérios da Holanda e da França, um dos países mais poderosos do bloco, lançaram a proposta de endurecer as regras de controle ambiental nos tratados não assinados, como no caso do Mercosul.

No Parlamento Europeu, a Comissão de Comércio Exterior aprovou, no dia 27 de maio, uma moção de apoio para que o Acordo de Paris se transforme em cláusula essencial dos tratados comerciais, o que facilita a retirada de benefícios comerciais por causa da alta de desmatamentos, como vem ocorrendo no Brasil²⁹.

29 <https://www.selecoes.com.br/plantao/ue-poe-acordo-com-mercosul-na-geladeira-a-espera-de-melhor-momento-diz-consultoria/>

Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à COVID19

Lúcia Marques

“A Covid-19 é um teste não apenas para nossos sistemas de saúde e mecanismos de assistência médica para responder a doenças infecciosas, mas também de nossa capacidade de trabalhar juntos como uma comunidade de nações diante de um desafio comum. Além desses desafios muito imediatos, o caminho do coronavírus também testará, sem dúvida, nossos princípios, valores e humanidade compartilhada”.³⁰ A frase de Michelle Bachelet e Filippo Grandi, do **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, é apropriada para a análise da semana que tenta trazer informações sobre confrontos bélicos atuais no **Oriente Médio**, com milhões de refugiados, colapso das infraestruturas de saúde e educação, restrições de medicamentos e alimentos. São tantos agravos que fazem com que a pandemia COVID-19, em alguns países, seja mais um problema agravante entre tantos, inclusive para ajuda humanitária.

A região é um caldeirão de conflitos cruzados e de alianças que se formam pontualmente; é palco de disputas entre potências seja por fatores geoestratégicos (localização entre Ásia e Europa; petróleo; água); rivalidades locais históricas; conflitos religiosos (cristãos maronitas e ortodoxos; judeus; muçulmanos; xiitas; sunitas, curdos, entre outros). Apesar do recente apelo da ONU para um cessar-fogo mundial³¹ para que os países devastados por guerras civis violentas, possam tentar conter a propagação da pandemia COVID-19, a emergência sanitária não conseguiu frear os conflitos nem impulsionar iniciativas de paz. Essa tentativa malograda de trégua global também trouxe à tona as divergências de longa data no Conselho de Segurança da ONU – já apontada pelo Santiago Alcázar, no capítulo Respostas da ONU, semana de 4 a 9 de junho, Caderno CRIS-Fiocruz.

E os piores cenários de conflito, com milhões de refugiados e deslocados internamente, estão na **Síria**, em guerra civil entre governo ditador e opositores desde 2011, com apoio de nações estrangeiras; no **Yêmen**, que sofre a disputa de duas potências do O.M – Arábia Saudita e Irã – pela sua riqueza em petróleo e localização estratégica na extremidade da Península Arábica; no **Iraque**, que agora além de receber refugiados sírios, vive o retorno de seus refugiados que estavam na Síria; **Palestina**, que ainda espera pela criação de um Estado Palestino, tenta impedir a anexação da Cisjordânia por Israel – situação ganhou força com a posse do novo governo formado pela união dos dois rivais israelenses, com o interesse comum de anexar a região que abriga a maior fonte de água usada por Israel. Na página a seguir, infográfico com as principais relações e conflitos no Oriente Médio.

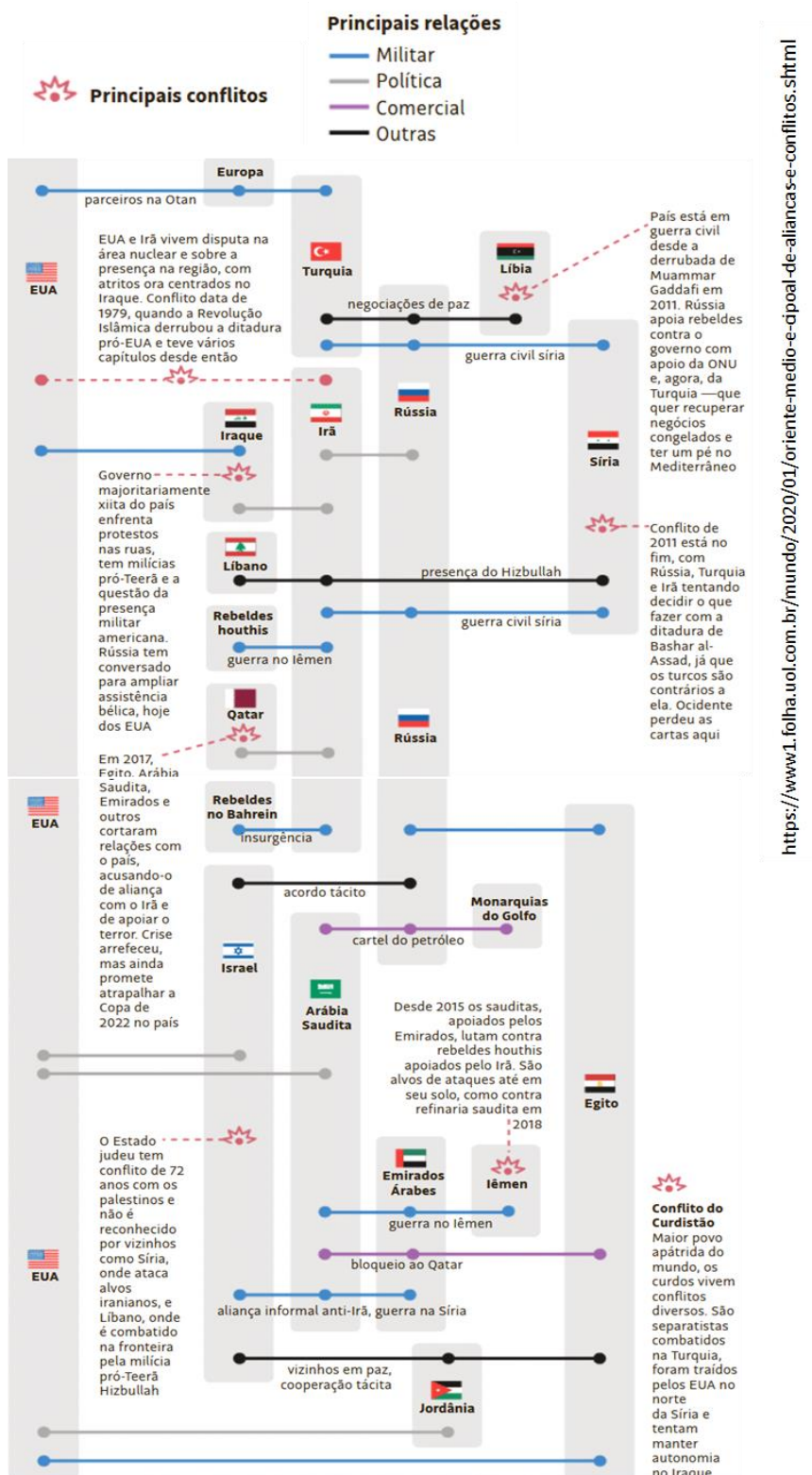
E como o Sars-CoV-2 atinge todos os países, incluindo aqueles que hospedam os 71 milhões de refugiados e pessoas deslocadas à força³², a situação se torna mais crítica porque mais de 80% desses refugiados estão em países de baixa e média renda, em acampamentos ou áreas urbanas densamente povoadas, muitas vezes vivendo em condições inadequadas, com saúde pública limitada e frágil, além de não terem completo acesso a instalações de saneamento e sistemas de proteção social. Para não falar que alguns desses países anfitriões ainda vivem fortemente atingidos por conflitos internos, fome, pobreza e outras doenças epidêmicas, como cólera, malária, dengue, sarampo, poliomielite. E, embora até o momento não tenham sido relatados surtos da COVID-19 em grandes assentamentos de refugiados e deslocados internos, essas

³⁰ <https://www.unhcr.org/news/latest/2020/3/5e69eea54/coronavirus-outbreak-test-systems-values-humanity.html> Michelle Bachelet e Filippo Grandi

³¹ <https://nacoesunidas.org/artigo-apelo-a-um-cessar-fogo-mundial/> e <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/apesar-de-pedido-de-tregua-pandemia-nao-consegue-atenuar-conflitos-armados.shtml>

³² Segundo ACNUR / ONU http://reporting.unhcr.org/covid-19#_ga=2.164298233.751961659.1592152165-1593158735.1592152165

populações se encontram entre as mais expostas e vulneráveis à ameaça do vírus.



Cenário diplomático, político, econômico e de segurança

Os conflitos atuais no mundo e o consequente aumento no número de refugiados têm exigido respostas e decisões rápidas, não só para atender essas pessoas, mas também para dar apoio financeiro aos países anfitriões para que possam assimilar essa população de refugiados e inclui-

la em seus sistemas nacionais de saúde e de seguridade. E o Grande Oriente Médio³³ é a região com maior número de refugiados e onde estão os países que mais abrigam refugiados – fronteiriços às zonas de conflito - e muitos deles mal se recuperaram dos conflitos vividos, com infraestruturas de água e saúde sobrecarregadas, como Turquia (maior número de refugiados), Iraque, Paquistão, Líbano, Jordânia, Irã.

As tentativas de paz na região precisam lidar com os diferentes arranjos e alianças que ora são de cunho político, ora são de fundamento religioso (sunitas versus xiitas, sempre), ora são puramente econômicos ou geoestratégicos. Em outras situações, a retirada de um dos lados, pode abrir um vácuo que será ocupado pelo grupo Estado Islâmico (EI), que reúne sunitas extremistas, xiitas, milícias e ex-combatentes, além de jovens ocidentais recém convertidos. O EI se espalha por mais de 50 países. Mas algumas oposições são clássicas: Rússia e seus aliados versus EUA e seus aliados. E ainda temos os pró-Irã versus os contra-Irã. Lealdades e rivalidades históricas.

A pandemia do Sars-CoV-2 não conseguiu provocar a redução dos conflitos armados. O apelo da ONU para que a crise fosse aproveitada para promover um cessar-fogo foi ignorado em 43 países e, ao contrário, intensificou hostilidades.

Síria – Vive uma guerra cível violenta, desde 2011, quando desertores do exército sírio e sunitas se uniram em oposição ao presidente Bashar al-Assad – um ditador – pedindo sua renúncia. A guerra ganhou aliados em ambos os lados: o regime de Bashar conta com apoio da Rússia e das forças xiitas e alauítas, do Irã. Os opositores contam com a força sunita da Arábia Saudita e dos EUA. O regime recebeu condenação internacional de líderes mundiais, ativistas e jornalistas devido a acusações de violações de direitos humanos. O país foi suspenso da Liga Árabe, da Organização de Cooperação Islâmica³⁴ (OCI) e tem ficado cada vez mais isolado regionalmente e internacionalmente – Rússia e Irã são dois dos poucos países que ainda mantêm relação diplomática com a Síria. Os quase dez anos de guerra gerou mais de 7 milhões de deslocados internamente e mais de 5 milhões e 600 mil refugiados distribuídos no Líbano, na Jordânia, no Iraque, no Irã, no Egito, na Turquia, este último com o maior número de refugiados. E por apoiarem lados opostos, por pouco Rússia e Turquia não se enfrentaram – mas a crise humanitária está caminhando para um cessar-fogo.

Yémen – Em guerra civil desde 2015, é um dos países mais pobres do Oriente Médio e passa por uma profunda crise em diversos aspectos, principalmente no humanitário. O pano de fundo da rivalidade é a rixa dentro do islamismo: sunitas versus xiitas. Ao tentar tomar o governo simpatizante da vertente sunita, os xiitas, autodenominados Huthis³⁵, provocaram a reação dos países vizinhos. Assim, a guerra civil no país opõe duas potências: Arábia Saudita (coalizão sunita³⁶ - maioria) e Irã (xiitas - minoria). Mas outras potências lucram com a guerra yemita – a coalizão saudita compra armas dos EUA, do Reino Unido e da França. O país tem localização estratégica no sul da Península Arábica, com ligação com África, sendo rota comercial de petroleiros. O Yémen sofre bloqueios comerciais que impedem, inclusive, ajuda humanitária. A população sofre com escassez de alimentos e de recursos médicos, destruição do sistema de saúde, com ausência de saneamento, com lixo e água acumulada em pântanos e doenças como cólera, difteria, malária e dengue. E agora, Covid-19. O combate à pandemia tem possibilitado os diálogos para um acordo de cessar-fogo, mas é ainda muito delicado.

³³ Envolve também países árabes do Mediterrâneo e Ásia Central

³⁴ Organização Intergovernamental, com delegação permanente na ONU e reúne 57 países.

³⁵ Movimento religiosos-político armado islâmico

³⁶ A coalizão conta com o apoio de outros países – como Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Bahrein, Sudão, Egito, Jordânia, Marrocos, e, até 2017, Catar.

Palestina – A questão palestina é complexa: ambos judeus (Israel) e palestinos acreditam possuir direitos históricos na região da Cisjordânia que tem Jerusalém como capital. A região abriga muitos assentamentos palestinos e judeus. É lá que está a maior fonte de água para Israel: o Rio Jordão. Com a posse do governo de coalizão em Israel, agora em maio, o plano unilateral de anexar territórios da Cisjordânia ganhou força. E foi turbinado pelo acordo pró-Israel patrocinado pelo presidente Trump, em janeiro. Em Conferência Ministerial Extraordinária, em 10 de junho, a OIC discutiu a situação atual na Palestina e todos os países participantes concordaram que anexação é inaceitável³⁷ e em tomar medidas políticas, legais e econômicas em resposta aos planos de Israel. A Indonésia enfatizou especificamente que o plano de anexação em meio à pandemia do COVID-19 dobrou a pressão sobre a Palestina, destruiu as perspectivas de paz e ameaçou a estabilidade regional. Além disso, a anexação torna impossível a continuidade territorial para um futuro Estado Palestino.



Iraque – embora a guerra com os americanos tenha findado, a retirada definitiva da presença militar dos EUA no país pode abrir espaço para o ressurgimento do EI. O governo majoritariamente xiita, enfrenta protestos nas ruas, mas tem a simpatia do Irã – cujas tensões com EUA se mantém em escalada. E ainda, os curdos, maior povo apátrida, busca manter autonomia no Iraque. E ainda, o país lida com os deslocados internamente, com os refugiados sírios e o retorno dos refugiados iraquianos que estavam na Síria. Colapso nos sistemas de saúde e infraestrutura. O país tem 17.770 casos confirmados de COVID-19 e 496 óbitos.

Afeganistão – O acordo entre EUA e Taleban marcam o retorno dos fundamentalistas ao jogo político. Os Taleban usam a emergência sanitária para defender a libertação de seus membros aprisionados.

Conflitos na Ásia Pacífico:

Paquistão e Índia – Tanto a pandemia, quanto a luta para o combate à praga dos gafanhotos, propiciou uma trégua entre os dois rivais.

Tailândia – No sul do país os insurgentes e o governo mantêm o diálogo por conta da pandemia.

Indonésia – Cessar fogo desde 11/04 e segue para pacificação.

China e Índia – Tensão aumenta. Índia informa que 20 soldados foram mortos na fronteira com a China por militares chineses.

Coreia do Norte e Coreia do Sul – O país norte-coreano explode o edifício símbolo das negociações de paz entre as duas coreias, na fronteira. Desde o início do ano, a relação entre os países vem piorando, devido às pressões dos EUA para o desarmamento nuclear da Coreia do Norte.

³⁷ <https://kemlu.go.id/porta1/id/read/1371/berita/menlu-ri-ajak-oki-bersatu-tolak-aneksasi-palestina-oleh-israel>

Myanmar – Desde 1948, a limpeza étnica e diáspora do povo Rohingya provocou o êxodo para países vizinhos, como Malásia, Tailândia e, principalmente, Bangladesh. Foram realocados em um campo para refugiados. Na fuga, famílias se separaram.

Diplomacia

Austrália segue em tensão com a **China**. Depois de cobrar explicações sobre origem do vírus, agora acusou a China de contribuir para um clima de "medo e divisão" sobre o coronavírus, em um discurso também atacando a Rússia e a Turquia por espalhar desinformação sobre a doença.

Cenário da segurança alimentar, saúde, bem estar social

O Dia Mundial dos Refugiados será comemorado no dia 20 de junho com conversas e eventos virtuais. <https://www.unhcr.org/refugeeday/wrd2020-events/> "Todos podem fazer a diferença. Toda ação conta" é o tema.

A pandemia do coronavírus aprofundou a situação das pessoas que fogem da guerra, conflito e perseguição. Enquanto os países lutam para proteger suas populações e economias, estão em risco normas fundamentais das leis de refugiados e direitos humanos. "Os princípios fundamentais da proteção de refugiados estão sendo postos à prova - mas as pessoas que são forçadas a fugir de conflitos e perseguições não devem ter a segurança e a proteção negadas sob o pretexto, ou mesmo como efeito colateral, de responder ao vírus", disse Filippo Grandi, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.³⁸ A ACNUR estima que 167 países até agora fecharam total ou parcialmente suas fronteiras para conter a propagação do vírus. Pelo menos 57 estados não estão abrindo exceção para pessoas que procuram asilo. São mais de 76 milhões de pessoas afetadas. No link <https://www.unhcr.org/refugeebrief/latest-issues/> podemos acompanhar a atualização semanal dos refugiados no mundo.

As consequências cumulativas para a saúde pública das emergências na região sobre as populações refugiadas e/ou deslocadas são profundas e duradouras, afetando não apenas as próprias populações refugiadas, mas também as comunidades anfitriãs de várias maneiras, desde escassez de pessoal de saúde, vacinas, medicamentos e suprimentos médicos, falta de combustível, energia e água potável também contribuem para a deterioração da prestação de serviços de saúde; como aumento de preços dos alimentos e mercadorias básicas. Principalmente porque mais de 80% dos refugiados do mundo e quase todas as pessoas deslocadas internamente no mundo estão hospedadas em países de baixa e média renda. Eles frequentemente enfrentam desafios e vulnerabilidades específicos que devem ser levados em consideração nas operações de prontidão e resposta do COVID-19. Manter o mais vulnerável em segurança significa manter todos em segurança.

O **Irã** é um dos poucos países a fornecer seguro médico abrangente para refugiados na mesma base que seus próprios cidadãos. É o país com o maior número de casos de COVID-19 na região (182.525 confirmados e 865 óbitos).

O **Yêmen** está enfrentando uma catástrofe humanitária. Sem ajuda, muitas outras vidas serão perdidas devido à violência, doenças tratáveis ou falta de comida, água e abrigo – a ajuda humanitária não consegue chegar. São mais de 2 milhões de deslocados. A coalizão saudita já foi chamada a atenção para facilitar a chegada de ajuda humanitária.

No **Iraque**, são mais de 3 milhões de iraquianos deslocados por todo o país, principalmente para a região do Curdistão, desde o início de 2014 e mais de 260.000 são refugiados em outros países. Execuções em massa, estupro sistemático e atos horrendos de violência são generalizadas e os direitos humanos e o estado de direito estão sob constante ataque. Estima-

³⁸ <https://www.unhcr.org/news/press/2020/4/5ea035ba4.html>

se que mais de 11 milhões de iraquianos estejam atualmente precisando de assistência humanitária. Comunidades, autoridades e infraestrutura estão em um ponto de ruptura. E o país ainda vive a chegada de refugiados sírios e o retorno de iraquianos que estavam na Síria.

Os quase 10 anos de conflito na **Síria** gerou um enorme número de refugiados que se deslocaram para países vizinhos, mas também para Europa e Américas. A grande maioria vive em áreas urbanas, com cerca de 8% acomodados em campos de refugiados. A Turquia abriga o maior número de refugiados sírios registrados - atualmente 3,6 milhões. Cerca de 30% estão em acampamentos. Com o registro de proteção temporária, o refugiado tem acesso aos serviços estatais de saúde e educação, bem como tem autorização de trabalho. No Líbano são mais de um milhão de refugiados sírios, que hoje formam 25% da população no país. Cerca de 70% vivem abaixo da linha da pobreza, pois têm pouco ou nenhum recurso financeiro. Não há campos formais de refugiados e, como resultado, os sírios estão espalhados por mais de 2.100 comunidades e locais urbanos e rurais, geralmente compartilhando pequenos alojamentos básicos com outras famílias de refugiados em condições de superlotação. Na Jordânia, são mais de 655.000 que vivem sem meios para cobrir até as necessidades básicas. Estima-se que 93% dos refugiados na Jordânia vivam abaixo da linha da pobreza.

Os impactos na saúde

Em vários locais de conflito, a pandemia está demorando a chegar – ninguém quer entrar lá. Mas quando chegar, será fatal pela falta de assistência e condições sanitárias. A região convive com surtos agudos de doenças infecciosas tratáveis ou evitáveis através de vacinas, como cólera, poliomielite, sarampo, tuberculoses, malária, dengue, além de ferimentos de guerra, que requerem cirurgias e reabilitação temporária. Também são consideradas desnutrição severa, doenças crônicas e doenças mentais – sofrimento físico-sensorial-intelectual.

Cenário epidemiológico da semana

Nova Zelândia registrou novos casos, depois de três semanas sem registro da doença – um passageiro que voou para o Reino Unido. Os casos de contato já foram mapeados e estão em isolamento. **Rússia e Índia** ainda lideram a estatística negativa, seguidos do Irã e Paquistão (dados de 12/06, JHU³⁹). Não há mais vagas nos hospitais de Délhi, **Índia**. Na segunda quinzena de maio, a Suprema Corte do **Paquistão** ordenou que o governo levantasse algumas das restrições impostas às empresas, mesmo quando o país ainda registrava aumento de infecção. Paquistão deu um salto no número de casos e de óbitos e os hospitais estão lotados. Escolas na **Malásia** reabrirão a partir de julho. **Singapura** entra na fase 2 de reabertura, apesar de ter novos casos. Pontos de vendas e algumas atividades sociais poderão abrir. Trabalhar em casa continua como padrão. **Hong Kong** permitirá reuniões públicas de até 50 pessoas.

Vacinas

A **chinesa Sinovac Biotech** informou que sua vacina contra o coronavírus é segura e capaz de provocar uma resposta imune nos testes em humanos. Chamada CoronaVac, a vacina não causou efeitos colaterais graves e mais de 90% das pessoas administradas com a injeção em um intervalo de 14 dias induziram anticorpos neutralizantes duas semanas após a inoculação. O Instituto Butantã, de São Paulo fechou parceria com o laboratório chinês para a produção da vacina. A vacina é inativada, ou seja, contém apenas fragmentos do vírus mortos ou com baixa atividade. Com a aplicação da dose, o sistema imunológico passaria a produzir anticorpos contra o agente causador da Covid-19.

³⁹ Johns Hopkins University

<https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>

Singapura se apressa para estar preparada para assumir o envase de vacinas para a COVID-19.

Representantes de mais de 50 países, incluindo 35 chefes de Estado ou de governo, participaram do Global Vaccine Summit (**Cúpula Global de Vacinas**), evento capitaneado pelo primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, para arrecadar US\$ 7,4 bilhões (R\$ 37,64) em recursos que serão destinados à vacinação de crianças em todo o mundo. Os recursos serão destinados à Gavi. Participaram Turquia, Japão, Nova Zelândia, Índia, Singapura, Coreia do Sul, China.

OMS Região Ásia Sudeste*					
País	17/05(óbitos)	26/05(óbitos)	01/06 (óbitos)	07/06 (óbitos)	12/06(óbitos)
Índia	91.314 (2.897)	146.488 (4.187)	191.327 (5.413)	273.443 (7.700)	297.535 (8.498)
Indonésia	17.514 (1.148)	23.165 (1.418)	26.940 (1.641)	33.076 (1.923)	36.406 (2.048)
Tailândia	3.028 (58)	3.045 (58)	3.082 (57)	3.121 (58)	3.129 (58)
Bangladesh	22.268 (328)	36.751 (522)	49.534 (40)	71.675 (4.638)	81.528 (1.095)
OMS Região Pacífico Ocidental					
China	84.500 (4.645)	84.502 (4.638)	84.150 (4.638)	84.195 (4.638)	84.220 (4.638)
Rússia	281.753 (2.631)	362.342 (3.807)	414.878 (4.855)	484.630 (6.133)	510.761 (6.705)
Coreia do Sul	11.050 (262)	11.125 (269)	11.503 (271)	11.853 (274)	12.003 (277)
Austrália	7.045 (98)	7.133 (102)	7.221 (102)	7.267 (102)	7.290 (120)
Japão	16.237 (735)	16.581 (830)	16.787 (900)	1.7.111 (920)	17.250 (924)
Singapura	28.038 (22)	32.343 (23)	35.292 (23)	38.514 (25)	39.850 (25)
Nova Zelândia	1.499 (21)	1.507 (21)	1.504 (22)	1.504 (22)	1.504 (22)
Taiwan	440 (7)	441 (7)	442 (7)	443 (7)	443 (7)
Vietnam	318 (0)	327 (0)	328 (0)	332 (0)	333 (0)
OMS Região Mediterrâneo Oriental					
Irã	120.198 (6.988)	139.541 (7.508)	154.445 (7.878)	175.927 (8.425)	182.525 (8.659)
Paquistão	40.151 (873)	57.705 (1.197)	72.460 (1.543)	108.317 (2.172)	125.933 (2.463)
Arábia Saudita	52.016 (302)	74.795 (399)	85.261 (503)	108.571 (783)	119.942 (893)

Emirados Árabes	23.358 (220)	31.086 (253)	34.557 (264)	39.904 (283)	41.499 (287)
Qatar	32.604 (15)	47.207 (28)	58.433 (40)	71.879 (62)	76.588 (70)
Afeganistão	7.655 (177)	11.831 (220)	16.492 (270)	21.459 (384)	23.546 (446)
Kuwait	14.850 (112)	22.575 (172)	27.762 (220)	33.140 (299)	34.952 (285)
Israel	16.607 (271)	16.743 (281)	17.106 (285)	18.268 (392)	18.795 (300)
Turquia		157.814 (4.369)	163.942(4.540)	171.121 (4.711)	175.218 (4.778)
Síria		58 (4)	122 (5)	144 (6)	(6)
Yémen		184 (44)	323 (80)	496 (112)	632 (139)
Iraque		4.632 (163)	6.439 (205)	14.268 (392)	17.770 (496)

Obs.: As regiões somam juntas mais de 70 países, mas, para análise, o recorte foca os países com maior número de casos ou com melhores resultados de ações tomadas pelas autoridades nacionais.

DIPLOMACIA

- Putin e Bolsonaro conversaram por telefone e discutiram saúde. Uma cúpula de São Pesterburgo este ano pode dar o pontapé para a proposta de um centro de vacinas dos Brics, aprovada na África do Sul em 2017. <https://bit.ly/ExtratoSaudeBrics2017>
- Butantã (Estado de São Paulo) fez acordo para testar e produzir vacina em desenvolvimento pela Sinovac (China), atualmente na fase três dos testes clínicos. Biomanguinhos (Fiocruz) também planeja fábrica de vacinas.
- A Aliança de Organizações Científicas Internacionais (Anso) disponibilizou sistema satelital chinês CropWatch para países da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. A proposta é melhorar a visibilidade das plantações, e, por exemplo, evitar que especulação prejudique segurança alimentar.
- China faz reunião com chefes de Estado da União Africana e do Fórum de Cooperação China-África sobre situação do continente.
- Soldados chineses e indianos trocaram fogo em área não demarcada da fronteira. Índia relata 20 mortos, alguns de frio.

SANITÁRIA

- A resposta epidêmica chinesa foi considerada a melhor entre 53 territórios onde a Fundação para Aliança das Democracias, ligada à Otan, fez questionários. A dos EUA foi considerada a melhor pelos próprios estadunidenses, taiwaneses e sul-coreanos.
- ☞ Beijing sobe seus alertas em várias localidades de nível II para III. Dezenas de casos confirmados. 79 em três dias. Muitos entre 30 e 50 anos.
- Transmissibilidade parece maior, vertente genética é europeia, e vacina pode ter que ser revista. Origem do surto: mercado de comida Xinfandi. 30 mil pessoas ligadas ao mercado de alguma forma foram testadas.
- São ao menos 29 áreas em lockdown. Turistas vindo de outras províncias não poderão entrar na cidade. O trem bala que liga aos aeroportos internacionais foi suspenso. Os voos já estavam, em sua maioria, cancelados desde o alerta II.
- Aulas presenciais serão suspensas, é preciso certificado de testagem nucleica para sair da cidade.
- Novas políticas serão implementadas para garantir a segurança alimentar de comidas importadas.

SOCIOECONÔMICA

- Moções no Sul da China atingiram 2,63 milhões de pessoas e mais de 20 morreram, segundo o Ministério de Gestão de Desastres

- Enquanto os chineses debatem o racismo de "E o Vento Levou", Bannon vê na pandemia um aliado eleitoral: "Mr Floyd was murdered by these police officers. However, we now know from the autopsy he had Covid-19, which came from the CCP".

- Xi publicou artigos na Qiushi, a revista de teoria do Partido, saudando o Novo Código Civil como um importante avanço do sistema socialista chinês e dos Direitos Humanos no país. Entre os pontos destacados, está a necessidade de popularizar o conhecimento das leis entre os cidadãos.

- Novo avanço em comunicação quântica: chave criptografada é transmitida com sucesso, via satélite, entre dois pontos na China.

Debate acalorado provocado por um professor universitário: casamentos de uma mulher com dois homens melhorariam o balanço de gênero no país?